

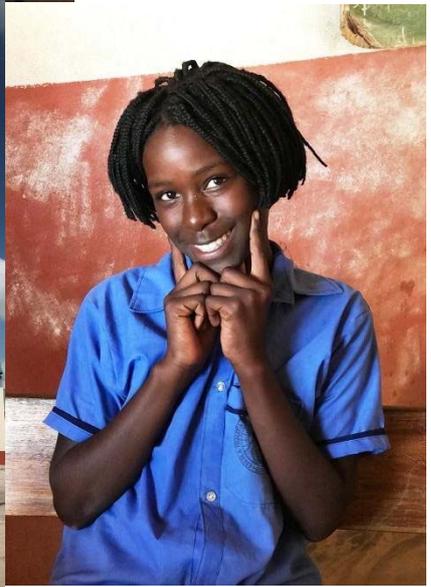
Publicação

Comemorativa

Escola Integrada de Hungen



Contributos para
o quadragésimo aniversário de parceria escolar com
Moçambique



**Discurso de boas-vindas
do primeiro ministro de Hessen Volker Bouffier
por ocasião do jubileu da parceria escolar com Moçambique em Hungen**



A educação é uma chave importante no caminho para o futuro. Assim, o que poderia ser mais promissor do que oferecer apoio às crianças e aos jovens neste sector, com o objectivo de possibilitar-lhes uma vida autodeterminada e a lhes mostrar: vocês não estão sós, nós estamos ao vosso lado.

Entre outros objectivos, a Associação de Cooperação Escolar com Moçambique e a Escola Integrada de Hungen auxiliam crianças para que consigam frequentar a escola, contribuindo assim para o financiamento de medidas escolares em diversas regiões de Moçambique. No corrente ano a iniciativa comemora o seu 40º aniversário. Por isto felicito vivamente.

Uma continuidade tão prolongada é extraordinária, sendo prova de um elo especial além das fronteiras de países e continentes. Padre Vicente Berenguer descreveu esta circunstância com as seguintes palavras: „Houve uma ajuda entre amigos e não de ricos para pobres. E este intercâmbio tornou-nos todos mais dignos. O arco-iris da amizade ficou mais presente em nossos países“.

Tal empenho merece o nosso reconhecimento e o nosso respeito. Assim, por ocasião do aniversário gostaria muito de agradecer a todos que dedicam o seu tempo e as suas energias a esta tarefa. Desejo-lhes o maior êxito para os próximos decénios.



Volker Bouffier

Primeiro Ministro de Hessen

**Discurso de boas-vindas
do antigo Presidente do Distrito Wilfried Schmied
(Presidente da Câmara da cidade de Hungen de 1984 a 1993).**



Pode-se ler constantemente na mídia que recursos financeiros destinados ao assim chamado „3º Mundo“ não chegam ao seu destino, desaparecendo em canais obscuros. O resultado de tais notícias leva à contenção de dadores potenciais, que justificadamente esperam que a sua ajuda alcance os necessitados.

Havendo pessoas de contacto idóneas para orientarem e motivarem a população local à autoajuda, a assistência ao desenvolvimento sempre tem tido bons resultados. A partir desta base e com o apoio da comunidade escolar e dos cidadãos de Hungen, a Associação de Cooperação Escolar com Moçambique da Escola Integrada de Hungen realiza um impressionante trabalho de desenvolvimento em Gondola, na região leste de Moçambique.

Os primeiros anos da parceria foram acompanhados de repetidos reveses devido à guerra civil e a catástrofes naturais que assolaram o país. Mesmo assim surgiram projectos educativos sustentáveis coroados de êxito que possibilitaram o acesso a ensino e educação regulares em edifícios escolares seguros. Inicialmente o ensino realizava-se a céu aberto ou em rudimentares barracos de chapas.

Mas também o empenho e o entusiasmo de gerações seguidas de alunos e professores pela boa causa, levou a uma consciencialização para o facto de que a comunidade mundial consegue gerar um apoio eficaz quando os sucessos se tornam visíveis.

Agora, por ocasião dos 40 anos de existência do apoio a Moçambique pela associação benficiente, os responsáveis sentem-se orgulhosos de contabilizar que a ajuda na longínqua África foi bem sucedida. A acção continuada de acolher donativos e organizar eventos, cujas receitas são direccionadas a Moçambique, requer esforço e perseverança. Isto foi realizado de maneira muito convincente pelos associados que, adicionalmente, conseguiram enviar recursos financeiros da agência de desenvolvimento da Alemanha e de organizações eclesiásticas aos projectos escolartes locais.

As metas da associação foram alcançadas com êxito notável. Por isso felicito a directoria da associação, em nome de todos os membros actuais e antigos. Agradecemos muito especialmente ao Padre Vicente Berenguer e a Hans Münzhuber, que deram um apoio fundamental no local – Exemplos de trabalho abnegado!

Wilfried Schmied

Discurso de boas-vindas

do actual Presidente da Câmara da cidade de Hungen Rainer Wengorsch



A educação é um direito humano fundamental e condição prévia para uma vida autodeterminada. Em 40 anos a Associação de Cooperação Escolar com Moçambique da Escola Integrada de Hungen realizou um contributo extraordinário para possibilitar o acesso à educação para muitas crianças em Moçambique.

A cidade de Hungen fica orgulhosa com este apoio constante e a cooperação de igual para igual com a escola parceira local. Assim criou-se um intercâmbio entre Hungen e Moçambique. Várias gerações de alunas e alunos empenharam-se intensamente e assim aprenderam muito acerca de Moçambique e do dia-a-dia dos moradores do país.

A Associação de Cooperação com Moçambique da Escola Integrada de Hungen é um verdadeiro sinal de excelência em matéria de colaboração internacional bem sucedida e, por isso, sempre temos apoiado este trabalho com satisfação. É impressionante o que foi construído nos últimos decénios, Também em situações de emergência, como o ciclone devastador do ano passado, as escolas moçambicanas puderam contar com o fantástico esforço de solidariedade da associação e do povo de Hungen.

Por isso eu gostaria de agradecer cordialmente em nome de todos os habitantes de Hungen. Espero que também no futuro a bem sucedida cooperação entre as escolas continue a contar com este imenso apoio por parte das alunas e alunos, das professoras e professores, e que a parceria escolar continue a contribuir para que muitas crianças em Moçambique possam cursar uma escola.

A handwritten signature in black ink, which appears to read 'Rainer Wengorsch'. The signature is fluid and cursive, with a large, sweeping flourish at the end.

Rainer Wengorsch Presidente da Câmara

Parceria com Moçambique firmemente assentada nos princípios básicos da escola



Alexandra Kuret
Directora da Escola
Integrada de Hungen

Desde 40 anos a comunidade escolar da Escola Integrada de Hungen empenha-se em conjunto com a Associação de Cooperação Escolar com Moçambique no apoio a crianças e adolescentes em Moçambique. Com a construção de escolas e as contribuições para a sua manutenção apoia-se o acesso à educação e, conseqüentemente, a uma vida autodeterminada.

Inúmeros eventos e actividades da vida escolar em favor das escolas parceiras tornaram-se tradição. Também as viagens anuais destinadas a encontros recíprocos fazem parte integrante do calendário escolar. Jovens de Hungen põem-se a caminho de Moçambique para se inteirarem da situação no terreno e, principalmente, para entrar em contacto com as gentes do país. Eles retornam ricos de experiências e com a consciência aguçada para as relações globais e, através de suas narrativas e imagens, deixam a comunidade escolar participar da evolução dos acontecimentos.

A parceria com Moçambique está firmemente enraizada no lema da Escola Integrada de Hungen “Aprender em conjunto, vivenciar diversidade, atingir objectivos!”.

A partir desta base a cooperação entre as escolas e o empenho da comunidade escolar se manterão válidos como garantia de escolaridade para crianças e jovens em Moçambique.

Alexandra Kuret

Directora



Preâmbulo



Dorothea Fobbe
Antiga professora
de inglês
educação física na Escola
Integrada de Hungen e
segunda presidenta
da Associação de
Cooperação com
Moçambique

Numa festa há algo a celebrar. Nesta publicação comemorativa está escrito, por quê. Os autores desta publicação escrevem a partir de diversos pontos de vista: como alunos que realizaram uma colecta em favor da parceria, e/ou que haviam empreendido uma viagem a Moçambique; como professores e professoras que haviam preparado caminhadas de patrocinadores, bazares e viagens a Moçambique; como pais que haviam apoiado os seus filhos em bazares e outros eventos como colaboradores, organizadores e professores em Moçambique e, finalmente, como representantes políticos oficiais – antigos ou actuais-que também haviam apoiado o nosso trabalho.

São as diversas experiências, vivências e estórias que podemos ler. São diversos os pontos de vista, sob os quais podemos vivenciar as gentes nas escolas, nas cidades e aldeias de Moçambique. Aprendemos a conhecer os seus problemas, suas condições de vida, suas alegrias, seu entusiasmo, suas danças e seu sorriso. E aqueles que puderam viver esta experiência pessoalmente, sabem: ela deixa rastros profundos. Nós levamos algo que estas pessoas nos oferecem tão generosamente: a alegria de viver, a capacidade de se entusiasmar, a modéstia, a satisfação.

Tendo em vista a diversidade das mensagens, -o que é que elas têm em comum?

Elas descrevem a razão de ser deste projecto, a necessidade de que, de qualquer maneira, devemos seguir adiante com a parceria escolar com Moçambique da Escola Integrada de Hungen, com a alegria de apoiar e visitar as pessoas em Moçambique, e com a energia vital que estas gentes nos oferecem.

Um projecto como o da parceria escolar só consegue funcionar como comunidade. Lutadores solitários não terão nenhum sucesso. Devido a isto –não obstante os pontos de vista devidos à experiência de vida individual- as contribuições nesta publicação comemorativa têm um propósito imprescindível: o de fazer propaganda, convencer, mostrando que vale a pena abrir chances de educação para outras pessoas, construir escolas, trazer bolas de futebol, escrever cartas, tirar fotografias, realizar vídeos e mostrar a cada nova geração de alunos em Hungen a jóia que é a parceria com as escolas moçambicanas.

O nosso agradecimento vai a todos os autores: alunos, professores, pais, sócios da associação, representantes políticos. Vinculamos com esta gratidão que haja continuidade e que seja possível encontrar um número suficiente de professores para prosseguir com este projecto. E que haja um apoio razoável por parte da directoria da escola, do corpo docente, da Associação de Cooperação com Moçambique, da comunidade de Hungen, do Land Hessen e do Ministério Federal de Cooperação Económica e Desenvolvimento.

Desejamos-vos um coração aberto à leitura das mensagens, um espírito livre e que sintais algo do enorme empenho de muitos na colaboração com Moçambique e que vos deixeis contagiar por estes sentimentos.

Dorothea Fobbe, Junho de 2020

Gisela Golf:

Aah – Moçambique!!!



Gisela Golf

Professora de inglês e educação física da Escola Integrada de Hungem

Como imagina-se que seja o paraíso? Mar em tons de turquesa- imensas praias brancas de areia –palmeiras dançando suavemente sob um céu azul-celeste? Pessoas vestidas em cores vivas –crianças a brincarem ruidosamente - vida nas ruas?

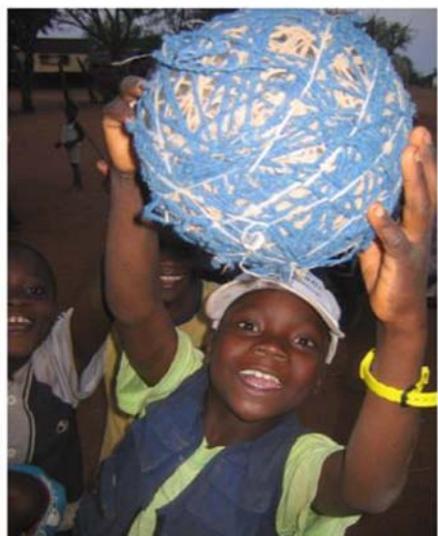
Sim, sim e mais uma vez sim.

Aah- Moçambique! Um dos últimos paraísos?

Lembro-muito nitidamente da vida vibrante - vida em todas as horas do dia e da noite, música alta, crianças a brincar, ruas repletas de pessoas, a correr, sentadas, a preencher o tempo. Vida que se pode respirar.

Aah- Moçambique! Um dos últimos paraísos?

Em cada esquina vê-se gente a conversar, cantar, rir e brigar. Tanta vida, que nós, alemães distanciados que somos, não conseguimos deixar de nos espantar, e ficamos ansiosos de participar desta forma de viver. Não há como evitar a comparação com as ruas vazias que vemos em casa. Ao cair da noite, quando todas as famílias se encontram acomodadas nas suas casas e não há mais viva alma nas ruas. Nenhum vizinho sentado na escada com um sorriso nos lábios, a conversar, a preencher o tempo. Nenhuma criança endiabrada nas ruas, a brincar, deixando as



horas passar. Não -para isto o nosso tempo é precioso demais! Não sobra tempo para estas coisas.

Mas em compensação, todas as nossas crianças podem ir à escola, para educarem-se e conseguirem alcançar algo na vida. Há possibilidades de emprego, as pessoas são prósperas, e na verdade nem precisamos nos preocupar realmente para conseguirmos o pão de cada dia. Não dependemos directamente dos caprichos da natureza e vivemos uma vida de abundância. As pessoas podem marcar metas a serem alcançadas e conseguem realizar os seus sonhos. Isto também soa a paraíso. Um outro paraíso.

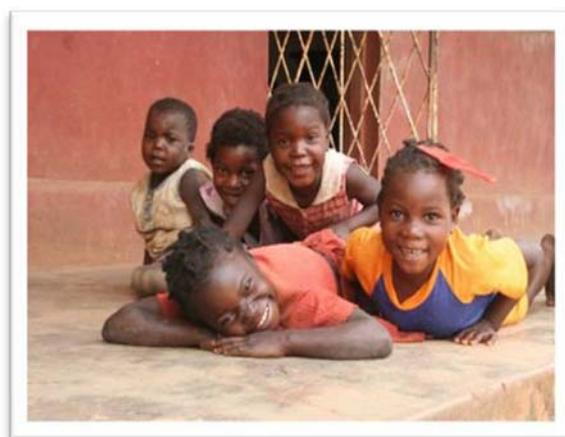
A ONU apontou a educação como meta de desenvolvimento nº4 dos objetivos globais. Porque uma formação é a chave para escapar da pobreza,



possibilitando mobilidade social às pessoas.

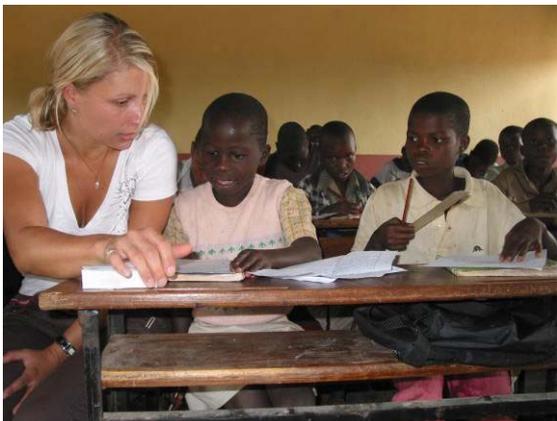
No entanto, em Moçambique ainda há um número muito elevado de crianças que não sabem ler nem escrever –demasiadas crianças que não vão à escola regularmente, porque os caminhos são longos demais e elas não conseguem ir até lá. Muitas escolas não são propriamente escolas, mas sim coberturas de chapas onduladas sobre estacas. Há escassez de livros, não há lápis suficientes, quase não há professores formados. É difícil definir objectivos, porque em geral é impossível alcançá-los. Sem educação não pode haver objectivos, e sem estes não há sonhos de um futuro melhor. Moçambique é um país marcado pelas guerras civis resultantes do regime colonial. Lá vivem pessoas que sofrem devido a catástrofes naturais, que têm que se preocupar com o pão de cada dia e com o futuro de seus filhos. Moçambique é um dos países mais pobres do mundo. Um paraíso? De certa forma sim, mas com rupturas profundas, pois às vezes não adianta morar no paraíso, quando não se consegue alimentar a própria família. Quando não é possível visar objetivos, porque nem mesmo se pode frequentar uma escola. Quando o futuro é tão incerto que não se sabe, como seria possível dominá-lo.

Não obstante, pode-se ver rostos sorridentes por toda a parte. Pessoas que resistem ao destino, que procuram viver a sua vida. Pais, mães e filhos que ficam gratos pela existência de pessoas que estão dispostas a ceder um pouco do seu paraíso. Que ficam gratos, quando nossos professores e alunos da Escola Integrada de Hungen os visitam, demonstrando interesse e trazendo dinheiro. Dinheiro este que é despendido directamente no local, para as crianças, para que estas talvez possam sonhar. Dinheiro que flui directamente para a área da educação. Para financiar a construção de edifícios e poços artesianos, a compra de livros e equipamentos. Dinheiro que traz esperança, esperança para o futuro, pois sem educação não há futuro.



E as pessoas em Moçambique sempre estão prontas a compartilhar um pedaço do seu paraíso conosco, os professores e alunos da sua escola irmã. Um outro paraíso, que apresenta rupturas, mas –mesmo assim- constituído por um sorriso autêntico, uma vida vibrante e crianças a brincar livremente. Um paraíso de palmeiras sob um céu azul- celeste, praias amplas de cor branca e um mar em tons de turquesa. Para conhecer este outro paraíso, basta voar para lá! Todos os anos uma delegação da nossa escola empreende este voo. Em cada ano podes visitar um pedaço do outro paraíso e -dentro do teu coração- levar de volta para casa um pedaço de alegria de viver. Pois em todos os sitios em que pessoas se aproximam uma das outras e aprendem umas das outras, onde humanidade é vivida, cada pessoa é vencedora e fica um pouco mais perto do seu próprio paraíso interior.

Gisela Golf



Ute Rixin:

Aprender através de Moçambique



Ute Rixin

Professora de alemão, inglês e alemão como segunda língua da Escola Integrada de Hungen

Através das fotos e cartas de alunos e alunas em Moçambique julgo ter notado que eles têm vontade de aprender, e, por este motivo gosto de me engajar no bazar natalino (mas não somente por isto). Alegro-me sobretudo pelo grande empenho dos nossos alunos e alunas! Obrigada!!



Celestino Zondane

O caminho da escola em Moçambique



Celestino Zondane
Antigo trabalhador
contractado na República
Democrática Alemã.
Hoje vive com a esposa em
Dorsheim

Meu nome é Celestino Zondane. Sou de Macate, na província de Manica, Moçambique.

Lembro-me do meu tempo de escola – uma época difícil! Todos os dias tinha que andar cerca de 30 km a pé. E isto em muitas regiões continua a ser assim. Por isso fico contente em saber que a associação construiu uma escola em Nhamacoa-Rica. Para muitas crianças isto significa que –devido ao caminho mais curto para a escola- têm mais tempo para estudar, por exemplo. Graças à construção de um poço artesiano no terreno da escola a população consegue abastecer-se com água limpa.

Também apoiarei a associação no futuro e espero que mais escolas possam ser construídas.



Celestino na inauguraçãda EPC Nhamacoa Rica em 2012

Jochen Pfeiffer: **Escola Anne- Frank, Lennestadt, e Escola Integrada de Hungen**

40 anos de cooperação para crianças em Moçambique coroada de êxito

Como surgiu esta cooperação bem sucedida entre escolas



Jochen Pfeiffer
antigo professor da
Escola Anne- Frank em
Lennestadt e iniciador
da cooperação escolar
com Moçambique

Ponto de partida foi uma carta do padre espanhol Vicente Berenguer proveniente de Moçambique que em 1975 –após 400 anos de época colonial- finalmente havia alcançado a sua independência. Ele escreveu:

“A guerra deixou os seus vestígios: mortos, fome, campos de lavoura abandonados. É impossível abarcar o trabalho a ser feito. Existe tamanha miséria que eu não acho descanso. Vocês não poderiam encontrar uma possibilidade de auxílio a partir da Alemanha? Perdoem o meu atrevimento, mas quando se conhece este país e vive junto com as pessoas, não se tem mais vergonha de pedir esmola”. A Escola Anne- Frank decidiu apoiar este apelo urgente, realizando acções concretas para angariar fundos. Em 1980 Padre Vicente visitou a escola em Lennestadt e apresentou o projecto próprio que pretendia realizar: um centro agrónomico na região norte de Moçambique, onde

crianças de rua órfãs pudessem viver e frequentar a escola.

Nós em Lennestadt achámos esta idéia convincente e importante. Dois professores da escola viajaram a Moçambique em 1979, para se informarem no local sobre o projecto que se iniciava. Depois da sua volta relataram o que tinham visto não só aos alunos, pais e professores da própria escola, mas - através da mídia- informaram também outras escolas sobre este projecto fora do comum a ser realizado em África, que ficava muito longe.

A escola de Hungen foi a primeira a tornar-se activa, manifestando o seu interesse em obter mais informações para –eventualmente- apoiar o projecto. Walter Exler, naquela época um professor desconhecido da escola de Hungen, estabeleceu os primeiros contatos. Estes levaram a uma bem sucedida colaboração com a escola em Lennestadt a favor de escolas em Moçambique. Alguns exemplos ilustram este facto:

- Financiamento de um gerador para o Centro Agrícola Nkonedzi
- Visita coletiva da escola parceira em Laulane; recepção pela ministra da educação Graça Machel; participantes de Hungen: W. Exler e J. Haas
- Financiamento de uma escola em Magoanini após o devastador desastre das cheias de 2001
- Renovação completa de uma escola primária desmoronada e construção de uma escola primária em Ressano Garcia na fronteira de Moçambique com a África do Sul.

Estes projectos, que eram propostos, planejados e controlados por Padre Vicente, no âmbito da parceria com escolas em Moçambique, foram financiadas em grande parte pelas escolas de Lennestadt e Hungen. Sem o eficiente apoio da Escola Integrada de Hungen não teria sido possível construir estas escolas. Em todas elas as aulas são realizadas em três turnos diários, de forma que vários milhares de crianças moçambicanas conseguem participar do ensino escolar.

Além desses projectos em comum, os responsáveis de Hungen adoptaram cada vez mais projectos e escolas parceiras próprios que até hoje são apoiados eficientemente pela escola de Hungen.

Muito importante não é só este apoio financeiro para a construção de escolas em Moçambique, mas também o contacto directo através de visitas recíprocas em Moçambique e Hungen. Actualmente a Escola Integrada de Hungen é a escola alemã mais efectiva na área de parcerias com escolas em Moçambique. Por intermédio de actividades criativas ela demonstra continuamente a própria capacidade de apoio. Ficam aqui os meus cordiais agradecimentos pela cooperação duradoura e positiva com a Escola Anne- Frank de Lennestadt e felicito a Escola Integrada de Hungen pelo seu 40º aniversário da cooperação com Moçambique.

A união faz a força!

Por último uma palavra de Moçambique:

“Se quer ir rápido, vá sozinho. Se quer ir longe, vá em grupo”.

E juntamente chegámos muito longe. Muito obrigado por isso!

Hans Joachim Pfeiffer



Foto à esquerda: Jochen Pfeiffer (à esq), director Haurandt da Escola Anne- Frank com a delegação de Moçambique: o director Sandramo e o aluno Mario em visita à escola integrada de Hungen.



Foto à direita: Jochen Pfeiffer com Walter Exler em Bonn por ocasião da atribuição do prémio do cinema em 1984. Gernot Schley (à dir) recebeu o “Prémio Jornalístico Política Desenvolvementista de 1983” do presidente da Alemanha Carstens, pelo filme sobre a cooperação escolar com Moçambique

Karin Hermes:



Karin Hermes
antiga professora de inglês e
educação física na Escola
Integrada de Hungen

Todo começo é difícil

Aconteceu logo depois da fundação da associação, creio que por volta de 1981, quando a nossa escola quiz financiar um gerador eléctrico para a sua escola parceira de Nkonedzi juntamente com a escola de segundo grau de Lennestadt. Naquele momento ainda não tínhamos uma escola parceira própria. Este gerador, que deveria fornecer energia eléctrica àquela escola para que alunos e alunas também pudessem receber aulas à noite, custou 10.000 marcos.

Uma quantia enorme. Naquela época quase não tínhamos patrocinadores e tínhamos que arranjar dinheiro por intermédio de pequenas acções. Foi então que surgiu a idéia dos bazares de Natal.

Outra acção foi a da venda de bolos durante os recreios. Isto acontecia da seguinte forma: sempre no primeiro recreio mais prolongado das sextas-feiras, era possível comprar um pedaço de bolo pela quantia de meio marco (correspondente a cerca de 0,25 euros). As mães de cada classe revezavam-se na confecção dos bolos. Como

podemos imaginar, assim juntava-se somente pouco dinheiro por semana.

Para a escola em Nkonedzi (e mais tarde também para a Escola Uli Seibert) coletámos doações em espécie, como, por exemplo, roupa usada, sapatos, bicicletas e mobiliário escolar de segunda mão. Fomos recolher estas coisas, salvo –naturalmente– os móveis escolares, de domicílios de pessoas em Hungen e seus bairros com carros particulares. É claro que, entre estes objectos, sempre encontravam-se também roupa rasgada ou botas de borracha sujas! Tudo tinha que ser seleccionado, embrulhado e posto em contentores que eram transportados por via marítima a Moçambique. Pode-se imaginar a alegria reinante no momento em que um desses contentores chegava. Lindas demais as cartas de agradecimento criadas, desenhadas e pintadas pelos pequenos alunos que ainda não sabiam escrever tão bem em inglês!

E que destino teve o gerador citado inicialmente?– O contentor com o gerador teve que esperar muitos anos no aeroporto de Tete, por razões de segurança, pois entretanto uma guerra grassava na região de Nkonedzi (na divisa com o Malawi). A escola foi assaltada pelos rebeldes que tudo lá roubaram, destruindo-a completamente depois.

No entretempo a escola Integrada de Hungen já tinha uma parceria escolar própria com a Escola Uli Seibert. A esta haviam aderido uma empresa de costura e marcenaria, a “Lorena”, e uma pequena empresa constructora, onde muitos pais de alunos conseguiram um emprego. Com o auxílio desta Lorena que era dirigida por Hans Münzhuber, nosso “especialista de ajuda ao desenvolvimento” local, foi finalmente possível reconstruir a escola mencionada acima depois do fim da guerra civil. O gerador conseguido com tanto esforço pôde finalmente assumir a sua função no treinamento manual.



Brigitte Sommer:

A primeira viagem a Moçambique



Brigitte Sommer
Antiga professora de
química e biologia e
representante dos
professores
da Escola Integrada de
Hungen

Minha primeira viagem a Moçambique foi especialmente impressionante. O país ainda se encontrava em estado de guerra e não deixava de ser perigoso viajar para lá. Bandos aterrorizavam a população, destruíam aldeias, roubavam tudo o que era utilizável e deportavam pessoas. Devido ao facto de os assaltos acontecerem à noite, tínhamos que estar em alguma cidade ou num sítio vigiado por cerca das 17 horas.

A despeito destas circunstâncias e da pobreza o povo era muito hospitaleiro. Nas nossas primeiras visitas às escolas e aldeias fomos acolhidos muito cordialmente e saudados com danças, cantos e prendas (um cacho de bananas, por exemplo). Naturalmente também trazíamos presentes para as escolas e distribuíamos o conteúdo dos contentores que havíamos tirado da alfândega em Beira. Os procedimentos formais na alfândega eram muito prolongados e nestas ocasiões tornava-se necessário distribuir pequenas “prendas”.

Porisso também passávamos alguns dias na cidade portuária de Beira na costa do Oceano Índico. Na época colonial portuguesa a cidade era um espaço apreciado para férias. Os edifícios da cidade e a praia ainda davam uma idêia do panorama colonial. No Nautic- Club à beira da praia podia-se apreciar comidas bem saborosas.

Porém o motivo principal da nossa viagem eram as visitas às escolas que apoiávamos com donativos e remessas de bens. Naquela época, nossa escola parceira era a antiga Escola Missionária de Amatongas. Neste sítio também morava Hans Münzhuber, que então nos acompanhava e que nos resolvia muitas questões organizatórias da nossa estadia, como a obtenção de alojamento, por exemplo. Também Lore Zinn nos acompanhava. Ela fala português e fazia traduções para nós. Por alguns dias morámos na casa de Hans sob a protecção de soldados armados.

Foi grande a alegria pela nossa visita. Também aqui houve uma grande recepção, as alunas dançaram e cantaram e foi uma festa bem alegre. Infelizmente esta alegria foi turvada quando soubemos que depois da nossa visita a aldeia e a escola haviam sido assaltadas. Possivelmente os salteadores esperavam capturar uma grande parte dos objectos que havíamos doado.

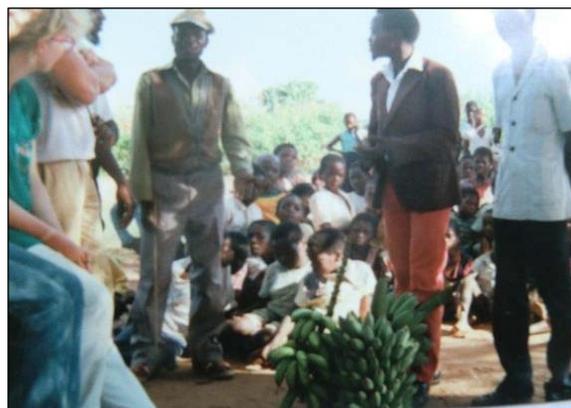


A casa e o automóvel de Hans Münzhuber

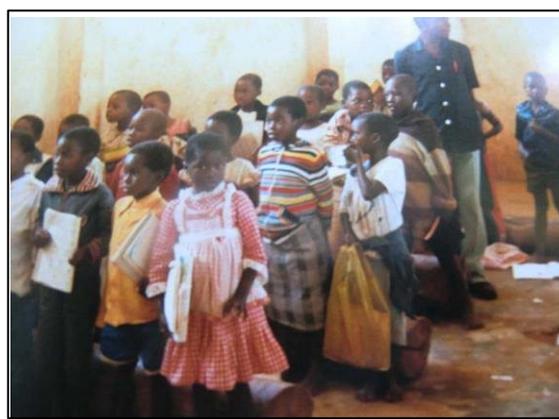
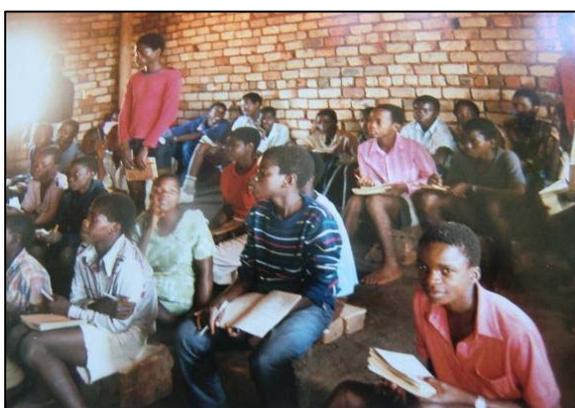
Saudação em Amatongas



Bananas de presente



Alunos em Amatongas



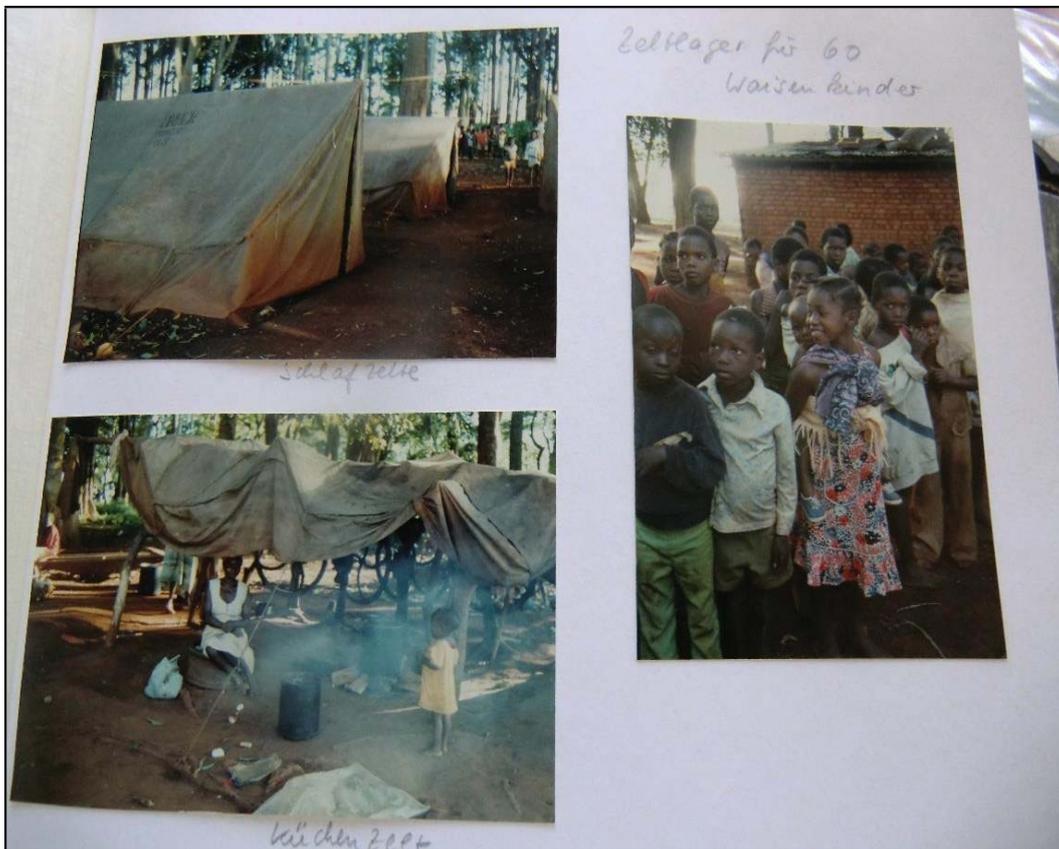
Outros sitios e escolas que visitámos foram Nhamatanda, Sussundenga, Espungabera, Jequa e Moussurize



Nhamatanda



dormitório para meninos

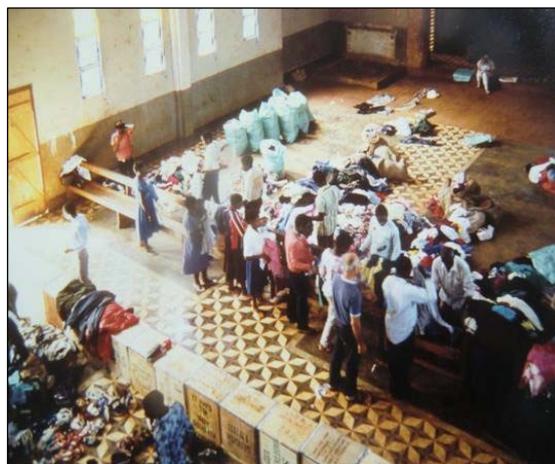


Espungabera

Para Jequa havia chegado um contentor de Hungen, para Moussurize outro de Neuss. Lá distribuimos as coisas doadas à população e às escolas.



Pneu furado no caminho a Moussurize

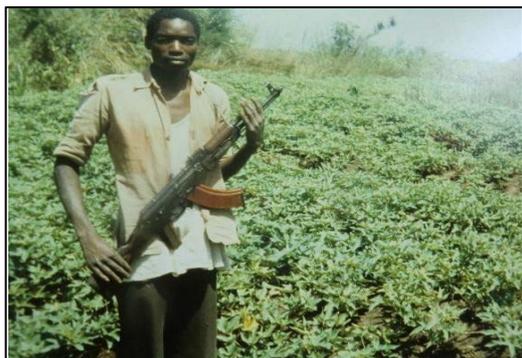


Distribuição de roupas na igreja

Devido às minas espalhadas pelas estradas na região limítrofe com o Zimbabwe, não foi possível chegar a Moussurize pelo caminho directo, e, para alcançarmos o nosso destino, fomos obrigados a passar pelo Zimbabwe.

Em Moussurize pernoitámos num pequeno hotel, onde havia uma camada de terra roxa por toda a parte. Devido às baratas nas paredes, deslocámos as camas para o meio do quarto. A nossa comida foi preparada no hotel, mas nós mesmo tivemos que trazer todos os ingredientes necessários para prepará-la: massas, macarrão, frangos, pão, queijo e bebidas. As escolas tinham áreas destinadas a hortas, que também eram cultivadas pelos alunos e alunas. A terra é muito fértil, e possibilitaria três colheitas anuais, porém a situação de guerra e assaltos muitas vezes impossibilitavam trabalhos na

lavouira. Cultivava-se ananás, mandioca, milho, amendoim, banana, papaia, abacate. As áreas de cultivo eram vigiadas por soldados armados.



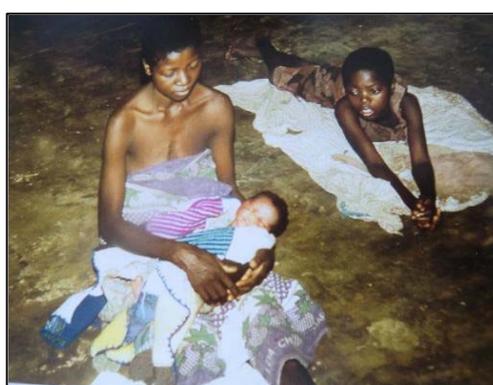
campo de mandioca vigiado



área de cultivo em Jequa



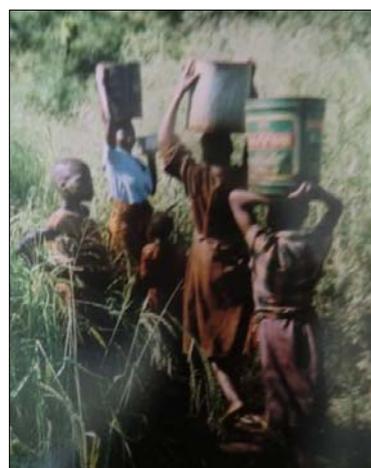
antigo hospital de Amatongas destruído pela Renamo



enfermaria



poço artesiano em Amatongas



pessoas a carregar recipientes de água

Um sitio que visitámos após a nossa chegada foi Chimoio, em cuja proximidade hoje encontra-se a EPC Uli-Seibert, que naquela época era uma pequena escola de aldeia. Em Chimoio morávamos na casa da família Bettencourt, amiga de Hans, Nela e Joan e três filhos. Embora a casa fosse pequena e habitada por diversos outros parentes, também lá fomos acolhidos e lá recebíamos as refeições. Não havia água corrente, na casa de banho existia um tonel com água do rio para a sanita e para lavar, mas com três litros d'água também é possível tomar um duche. Todos os dias trabalhadores iam buscar água do rio com um pick-up.

De Chimoio, para onde voltaríamos antes do retorno à Alemanha (pois o voo de retorno sairia de Harare, no Simbabwe), fomos às outras escolas e para Beira. A viagem de machibombo para Moçambique e Chimoio foi realmente uma aventura.

Entre visitas a escolas e compromissos oficiais sempre surgiam possibilidades para efectuar excursões e visitas. Em Beira visitámos um centro de formação de professores e uma instalação para a secagem de peixes, na província de Manica as pinturas rupestres e um museu de história natural, na região limítrofe de Moçambique uma reserva natural, a Cecil Cop Nature Reserve, e na viagem de retorno as ruínas de Great Zimbabwe, Masvingo e Chipinge (lembranças, pedra sabão).



A comitiva de viagem: Inge Exler, Dieter Bretthauer, Reinhold Bonnert, Brigitte Sommer, a aluna Daniela Nisdil e o aluno Tim Nungesser – com Lore Zinn no aeroporto de Maputo



Em 2004 Brigitte esteve presente no lançamento da primeira pedra da escola secundária em Ressano Garcia (à esq), pouco depois presenciou a inauguração da ampliação das instalações da Escola Uli- Seibert em Bengo. Aqui (à dir) pode-se vê-la em companhia de René Fritz e Lore Zinn. O prédio foi inaugurado pelo ministro da defesa, que se encontrava na província de Manica em campanha eleitoral.

Margret Mühl:

Um arco- iris estende- se da Escola Integrada de Hungen até a Escola Uli- Seibert em Gondola, Moçambique.



O arco- iris era o símbolo preferido de Ulrike, a ligação entre o céu e a terra. Ela estaria muito orgulhosa dos alunos e professores da escola de Hungen que, através de suas doações, há 40 anos tem possibilitado a frequência escolar a crianças e adultos em Moçambique.

Ao invés de flores por ocasião do sepultamento de Uli, desejámos doações, e no hino da escola as crianças moçambicanas cantam “nós somos as flores da Uli Seibert”. Num texto escrito, Uli declara: *Não estabeleci nenhuma data e nenhum objectivo especial quanto à idade que quero alcançar, mas deixaria chegar a uma idade suficiente para que haja pessoas que ainda se lembrem de mim com prazer. Também gostaria de me tornar um bocadinho imortal*”. Este sonho tornou-se realidade.

Uma vês uma rapariga que havia recebido uma doação escreveu numa carta: “o azul do céu resplandesce na luz do dia e um sorriso aparece nos meus lábios”.

Desejo a muitas outras crianças que elas possam receber uma boa formação educacional nas escolas apoiadas pela Escola Integrada de Hungen na região de Manica.

Muitos alunos e alunas conseguiram recolher uma impressão deste país atingido por fome, enfermidades, desemprego e repetidamente sinistrado por tempestades tropicais. A alegria das pessoas de lá é **indescritível**.



Em 1989 como presente de despedida Uli deu balões com a imagem da pomba da paz ao 1º grupo de viajantes. Depois da sua trágica morte podia-se ver um retrato dela pendurado na entrada da Escola Integrada de Hungen.



Como porta- vóz da Escola Integrada de Hungen, Uli entregou um donativo que colegas suas haviam recolhido numa colecta e por ocasião de uma excursão com patrocinadores em prol de Moçambique. Um ano depois ela deveria presenciar a colocação da primeira pedra.



Em 2010 a família de Uli visitou a escola que leva o nome da filha/irmã, em Moçambique



Dorothee, irmã de Uli, em Moçambique

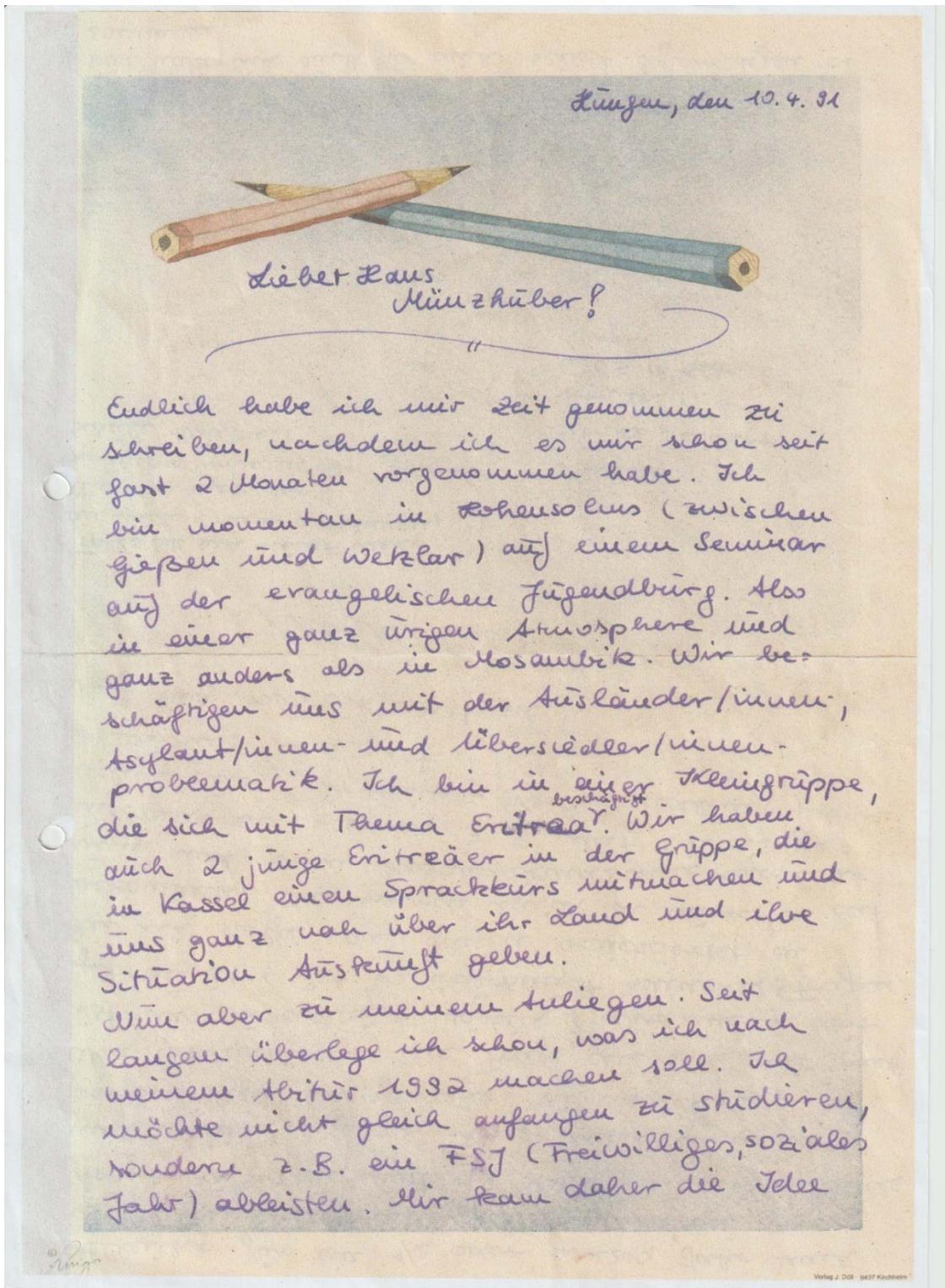


uma bandeira de Hungen como presente dos hóspedes



Dorothee, irmã de Uli, e a mãe Margret alegram se pela cordial acolhida na Escola Uli- Seibert

Uli Seibert: **Uma carta a Hans Münzhuber com a declaração que Uli deseja prestar um Ano Voluntário Social em Moçambique, juntamente com o pedido se ela poderia ser alojada na sua LORENA.**



vielleicht für ein 1/2 oder ganzes Jahr nach Mosambik zu kommen, um Ihnen bei Ihrer Arbeit zu helfen und die Arbeit unserer Schule mit meiner eigenen Kraft und meinem persönlichen Engagement zu erweitern. #
Was ist natürlich die Frage, die sich mir stellt, ist das überhaupt möglich? Wird eine/r dort gebraucht? Ist es überhaupt sinnvoll? Fragen, die ich hoffe von Ihnen beantwortet zu bekommen. Ich werde mich in nächster Zeit auch mal beim Mosambikanischen Konsulat informieren, wie es z.B. mit Einreisegenehmigung, ärztlicher Vorbehandlung, Arbeitslaubnis u.ä. ist.
Auf eine Antwort wartend!

Ulrike Seibert

(Falls Sie sich nicht mehr an mich erinnern können, ich bin eine der Schülersprecherinnen der Gesamtschule Hungen.)

Adresse:
Ulrike Seibert
Arndtstr. 2
6303 Hungen 1

und natürlich auch für mich selbst Erfahrungen zu sammeln.

24.2.84 Im Jahr 1975 veröffentlichte eine Zeitschrift einen Hilferuf aus Mosambik. Der spanische Priester Vicente Berenguer bettelte um Nahrungsmittel für die hungernden Menschen. Das Land hatte zwar seine Unabhängigkeit vom portugiesischen Kolonialsystem erlangt, war aber vom Krieg verwüstet. Pater Vicente bat aber auch um Geld für den Aufbau einer Schule für Waisenkinder in der Provinz Tete.

Im Februar 1982 konnten die ersten Kinder in das neue Schulzentrum M'kondaze aufgenommen werden. Dies wurde vor allem von Schülern und Lehrern aber auch Eltern aus Benestadt ermöglicht.

Seit Sommer 1980 beteiligt sich auch die Gesamtschule Jungen an diesem Projekt der sinnvollen Entwicklungshilfe. Zunächst organisierte Schüler der Förderstufe eine Altkleidersammlung und einen Gebrauchtkleidermarkt (verkauft) im Stadtzentrum Gießen. Immer mehr Klassen unserer Schule gewinnen Interesse an diesem Schul-

projekt. Insgesamt wurden bis-
 her über 23.000 DM in Sach-
 spenden und Bargeld gesamm-
 melt.
 Heute wird die in Mikondeze
 von etwa 100 Kindern im Alter
 von 6 und 16 Jahren besucht. Alle
 sind eterne. Sie erhalten im Schul-
 zentrum nicht nur eine Grundaus-
 bildung im Schreiben, Rechnen und
 Lesen, sondern bewirtschaften auch
 einen etwa 1 ha (10 000 m²) großen
 Garten für ihre Selbstversorgung.
 Im Laufe der nächsten Jahre soll
 die Schule schrittweise bis zur
 7. Klasse ausgebaut werden.

Depois da "caminhada dos colaboradros" e na função de porta-vóz da escola, Uli entrega a doação aos alunos e alunas da 5ª e 6ª classe da Escola Integrada de Hungen a Hans Münzhuber, nosso coordenador em Moçambique.



Bettina Träger:

Profundamente impressionada, tocada no coração- Isto não me largou até hoje



Bettina Traeger
Antiga porta-voz
da Escola Integrada de
Hungen

Eu tinha acabado de completar 17 anos e era aluna da 12ª classe da Escola Integrada de Hungen, quando apresentou-se-me a oportunidade de participar de uma viagem a Moçambique. Em todos os anos anteriores, desde a 5ª classe, juntamente com alunos e professores (particularmente Sr. Exler e Sr. Kreuzinger), eu ordenava roupas e sapatos e carregava contentores que eram transportados para Moçambique, participava de caminhadas de patrocinadores, ou - para apoiar Moçambique - vendia artesanato feito por mim mesma nos bazares de Natal. Desde cedo o interesse pelo país e suas gentes havia me contagiado.

No ano anterior minha amiga Uli Seibert havia perdido a vida num acidente de motocicleta, e agora uma construção de raiz de uma escola deveria ser batizada com o seu nome. No primeiro momento eu vi isto com muito cepticismo, mas quando cheguei ao local senti com clareza que isto estava certo. Uli queria deixar vestígios da sua vida, e este “dar o seu nome a esta escola” tornava-a de certa maneira imortal, fazendo com que sua morte fosse menos desprovida de sentido.

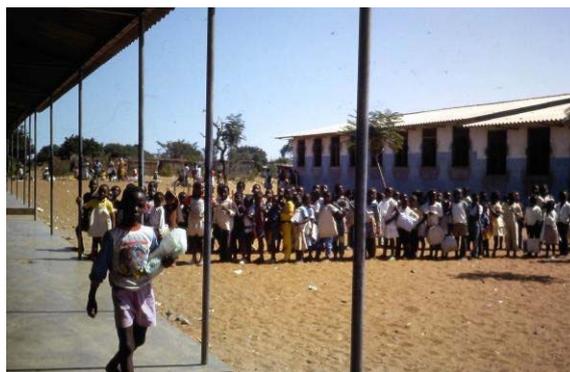
Ao todo, em 1992 ficámos três semanas em Moçambique, visitámos muitas escolas, vimos uma miséria terrível e grande sofrimento, “tanto, que basta para o resto da nossa vida” (citação de Jutta, uma participante da viagem). Numa das escolas (em Nyamatande), trata-se de um internato, 110 meninos eram obrigados a conviver e dormir, respectivamente dois por beliche, num espaço de 40 m². Inimaginável! Pelo menos ainda havia papa de milho com feijão como refeição escolar; mas nos olhos daquelas crianças não se via mais aquele brilho de esperança que eu conhecia de muitas outras. O brilho faltava!

Ao mesmo tempo havíamos comido e bebido com oito pessoas durante uma semana, pagando o equivalente ao salário anual de um moçambicano, o que era difícil de entender e quase insuportável. Mas fomos recebidos e hospedados com tamanha cordialidade que, ainda hoje, fico arrepiada de emoção quando me recordo disto, e quando penso nas canções e danças ou na festa da comunidade debaixo do cajueiro com o padre Vicente. Moçambique é um país tão lindo, e também o era em 1992, apesar da violência e das mortes durante a guerra civil.

Olhando para traz, ler no diário de viagem reforça a minha vontade de acreditar firmemente que -em todos estes anos,- a associação de parceria escolar encontrou o caminho certo de apoiar Moçambique com o coração e com compreensão.

Na nossa viagem tínhamos visitado uma escola que foi construída com a ajuda de muito dinheiro e que dava a impressão de estar totalmente decaída porque ninguém sabia cuidar da manutenção do autoclismo. Do ponto de vista visual a escola parecia estar em ótimas condições, e dispunha de instalações de qualidade, mas ninguém mostrava interesse e motivação de colocar o autoclisma em funcionamento. Simplesmente enviar dinheiro, ou, como se fazia nos primeiros tempos da parceria-, mandar material, evidentemente não surtiria nenhum efeito. Pretender impor o nosso estilo de vida aos moçambicanos, já naquela época teria sido semelhante à pretensão de missioná- los. Havíamos visitado cooperativas que davam a impressão de serem pequenos reinos. Mas o que sucederia com eles se o rei, -com todos os seus conhecimentos- já não lá estivesse? Todos os esforços teriam sido em vão?

A chave é a educação! Construir escolas e assegurar que estas sejam preservadas. Procurar parceiros que -como nós e a nossa associação- somente se empenhem pelo bem das pessoas, e não pelo interesse próprio ou pela própria vaidade e, acima de tudo, para realizar uma grande obra com muita dedicação.



Juntamente com Walter Exler, Agathe Venedey-Grenda e Dorothea Fobbe, os presidentes que exerceram e exercem a presidência da associação durante todos estes anos, conseguiram empolgar muitas gerações de alunos e alunas e -durante muitas vezes seguidas- novos colegas para empenharem-se na associação e na cooperação escolar. Nesse meio tempo este trabalho parece ter-se tornado semelhante à chefia de uma pequena empresa. Eu, por minha parte, já há anos estou profundamente impressionada com a enorme capacidade demonstrada por esta associação, levando-se em conta a sua pequena dimensão.

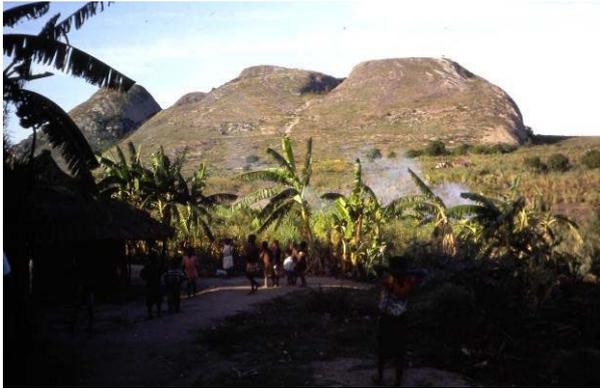
Mesmo não podendo comparecer a todas assembleias gerais anuais, tenho observado como a Escola Uli- Seibert -cuja primeira pedra tive a honra de colocar- veio a tornar-se uma escola primária sólida e ,mais tarde, uma escola secundária. Pude acompanhar como, a cada ano que passava, eram lançados projectos cada vez maiores. e surgiam diversas escolas novas, para uma parte das quais encontraram-se escolas parceiras na Alemanha.

De vez em quando consigo colaborar com um contributo próprio, participando talvez com uma sopa ou com horas de trabalho. É de valor inestimável tantos alunos, professores, pais e membros da associação se disporem a participar sem desistir—a despeito das muitas e repetidas adversidades (sejam elas a guerra civil, estiagens, ciclones ou o coronavírus, como actualmente). Parceria escolar que se tornou amizade, e amigos nunca serão abandonados.

Depois de mim ainda muitos alunos e alunas viajaram à Moçambique e puderam relatar sobre novas impressões e sucessos. Espero que isto seja possível ainda por muitos anos e que muitas gerações de alunos e alunas da Escola Integrada de Hungen tenham a possibilidade de ver com o coração, o quanto é precioso dispor-se de uma formação e do prazer de cursar uma escola.

Bettina Träger





Bettina como representante escolar da Escola Integrada de Hungen durante a colocação da pedra fundamental da escola em Bengo que recebeu o nome de sua amiga



Participantes da viagem: Bettina Schmidt, porta-vóz da Escola Integrada de Hungen; Jochen Haas, pastor evangélico da comunidade de Steinbach; Walter Exler, director das classes de incentivo da Escola Integrada de Hungen; Conny Tigges, intérprete; mais 4 paroquianos de Steinbach

Hungener Schüler sammelten Geld zum Bau einer Schule in Mosambik

Partnerschafts-Delegation hielt sich drei Wochen in dem afrikanischen Land auf

Fernwald/Hungen (V). Drei Wochen weilte eine Delegation der Gesamtschule Hungen und der evangelischen Kirchengemeinde Steinbach/Albach auf Einladung der Provinzdirektion für Erziehung in Mosambik. Schwerpunkt der Reise waren Besichtigungen von Schulen und Ausbildungsstätten in der Provinz Manica, Sofala und Maputo, zu denen schon seit über zehn Jahren partnerschaftliche Kontakte bestehen.

Hans Münzhuber und Pater Vicente Be-renguer sind die Partner in Mosambik, die die Hilfe koordinieren. Sie betonten immer wieder, daß der Ausbau des Schulwesens die wirksamste Form jeglicher Entwicklungshilfe sei. Die Hungener und Steinbacher werden in ihrer jahrelangen Arbeit jetzt bestärkt durch das Ministerium für Wirtschaftliche Zusammenarbeit in Bonn, das der Schulbildung mehr und mehr Aufmerksamkeit schenkt. Das wichtigste Ereignis für die Hungener war die Grundsteinlegung zu der Uli-Sei-

bert-Primarschule in Gondola. Das Geld zum Bau für diese Privatschule wurde von den Schülerinnen und Schülern der Gesamtschule mit ihren Sponsoren aufgebracht. Zur Zeit werden die 82 Kinder in zwei Klassen in einem Privatraum unterrichtet. In Mosambik gibt es eine fünfjährige Schulpflicht, die aber aufgrund mangelnder Schulen nur auf dem Papier steht. Hans Münzhuber ist zuversichtlich, daß die Schule bis zum Februar 1993 fertiggestellt sein wird. Es ist geplant, daß alle fünf Schuljah-

gänge der Primarschule 1 in den zwei 60 Quadratmeter großen Räumen der Schule unterrichtet werden sollen. „Das bedeutet natürlich Schichtunterricht, ist aber in Mosambik normal“, erläuterte Hans Münzhuber den Besuchern aus Oberhessen. Die Steine zu dem Bau und der Bau selbst werden von Mitgliedern der von der Stadt Hungen finanzierten Kooperative „Lorena“ hergestellt. Diese Form der Organisation bedeutet zugleich Schaffung von Arbeitsplätzen in einem Land, wo ungefähr 60 Prozent der Bevölkerung ohne bezahlte Arbeit sind. Der Hungener Verein Schulpartnerschaft hat es sich zum Ziel gesetzt, in dieser neuen Schule besonders die Mädchen zu fördern, die in der afrikanischen Gesellschaft am stärksten benachteiligt sind.

Lesen Sie heute:

Wieder zurück

Wohlbehalten, gut gelaunt und mit einem Riesenkokal im Gepäck ist die 23 Mann starke Equipe des Hungener Radtouristikvereins vom internationalen Radtouristiktreffen im italienischen Gabcice Mare zurückgekehrt.

Seite 14

Kamin geriet in Brand

Wettenberg-Wißmar (Pl). Zu einem Kaminbrand kam es am Samstag gegen 19 Uhr in einem Wohnhaus in Wißmar. Die Wißmarer Feuerwehr konnte die Flammen aber schnell unter Kontrolle bringen, so daß nur geringer Schaden entstand.

Die Hungener Schulsprecherin Bettina Schmidt bei der Grundsteinlegung zur neuen Privatschule in Gondola.

Pfarrer Ewald Steiner aus Steinbach und die Dolmetscherin Conny Tigges bei der Grundsteinlegung. Ein Radioreporter nimmt die Ansprache auf.

Montag 4.5.92 Gießener Anzeiger

Recordações de Calisto Jossefa, Inhambane, Moçambique

Um abraço Hungen - Mosambik



Calisto ensinou às crianças de Hungen, como crianças de Moçambique constróem os seus próprios automóveis de arame

Conheci-vos em 1987 em Maputo, a lamentar a sabotagem ao vosso abnegado trabalho que visava dar esperança e uma mão amiga a quem necessitava. Falavam do projecto de "AMATONGAS" em Manica. É bom quando uma mão amiga aperta a outra de um outro amigo, mesmo não o conhecendo. Me falaram também das salas de aula apetrechadas com máquinas de costura oferecidas por vocês. Me lembro dos encontros sociais e religiosos realizados. Era uma amizade verdadeira!

Um ano depois embarco para a Alemanha. Encontrei-vos vivendo como formigas.

Me receberam como um irmão. Vocês fazem a vida em união. Me lembro do festival dos batuques, da ceifa do capim para os animais, do jantar que servem aos visitantes. Vocês são formidáveis.

Gostei da actuação da banda ORQUESTRA MARRABENTA DE MOÇAMBIQUE. A visita que fiz à escola onde fui fazer "workshop", ensinando àqueles fantásticos meninos a construir carrinhos de arame; o brinquedo que todo o menino africano almeja ter. Foi um lindo projecto por vocês desenhado.

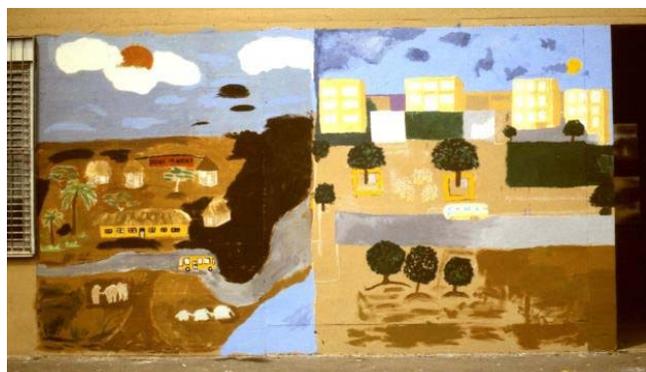
CALISTO



Ainda estavam hospedados o doutorando Miguel M'Kaima, de Berlim-Leste, que posteriormente tornou-se ministro da cultura de Moçambique e embaixador do seu país em Portugal. Ele passou uma noite como hóspede da família de Christa e Walter Kreuzinger.(por ocasião da nossa última estadia em Maputo, ele mostrou-me orgulhosamente a bolsa para artigos de higiene pessoal que Walter Kreuzinger lhe havia dado de presente).



Miguel M'Kaima desenhou um esboço e Werner Koch coloriu a pintura mural com seus alunos.



A dançarina Paula Assubuja também esteve hospedada com a sua filha Mayra. (Hoje vivem na África do Sul)



Quadro de Miguel M'Kaima



A dançarina Paula Assubuja



Gabi Gruel
Antiga professora de
inglês e educação física da
Escola Integrada de
Hungen
de 1975 a 2012

Gabi Gruel:

Bailar em África

A visita de Paula Assubuja que, com a sua filha caçula, fazia parte da delegação moçambicana e durante dois dias ofereceu-se a dar uma introdução na prática da dança africana foi um acaso feliz. Para que Paula pudesse dar a sua aula de dança, Walter Exler, nosso director das classes de incentivo, assumiu o papel-de baby-sitter da filha mais nova de Paula. Também foram convidados a participar do projecto colegas e dançarinos talentosos. Duranter muitos anos Uschi Philipps e eu já havíamos partilhado a nossa paixão pela dança jazz, bailando juntas num estúdio de dança de Giessen. Ficamos contentíssimas de podermos participar do workshop. Uschi havia trazido o seu filhinho Jan que participava gatinhando entusiasticamente porque ainda não conseguia andar. Como acontecia tantas vezes, somente um participante masculino, Ernst Guttandin, juntou-se ao grupo. Projectos de dança eram alvo de troça, principalmente por parte dos colegas que praticavam desporto. Entre todos os colegas Wolfgang Horstmann era a excepção dançante e era bem-visto. Se bem me lembro, ele participou a partir do 2º dia.

Lá vamos nós. Paula marca o ritmo com a voz e inicia com a série dos passos: dam, dam, da, dam, dam, da, da, pé inteiro, joelhos dobrados, tronco baixo....isto parece fácil. Mas para nós da Europa Central, com os nossos movimentos estilizados, é bastante complicado. O que fascina é o ritmo que se desenvolve no grupo depois de um certo tempo. Um fenómeno fantástico. Os participantes envolvem-se uns com os outros. Esta união determina os movimentos. Paula esclarece o significado da dança. Há muitas formas de dança e danças temáticas tradicionais para homens e mulheres. Os impulsos para dançar funcionam através da voz, de bate-palmas e da cadência dos tambores; sem o emprego de técnicas especiais. Como se dança descalço, o contacto com o chão ou a terra fica estabelecido. Por intermédio de movimentos do corpo e dos braços/das mãos ligamo-nos no espaço e com o mundo. Todas as danças são tradições dos antepassados. Assim pudemos vivenciar maneiras novas e belas de movimentarmos o corpo. Depois das hesitações e inibições iniciais também houve muitos risos, porque o mais importante era o sentimento de comunidade e não o desempenho perfeito. Movimentar-se conjuntamente, cantar, bater palmas, até que se atingisse um estado de descontração que trazia consigo muita alegria e felicidade,- sentimentos estes que unem as pessoas. Isto continua a ser assim até hoje.

De qualquer maneira, graças à Paula, todos conseguiam fazer esta fantástica experiência de movimentação. Mais tarde, adicionalmente ao seus múltiplos talentos musicais, Uschi Philipps descobriu também o seu amor pelo batuque africano, empolgando posteriormente muitas gerações de alunos para isto.

Até minha reforma no ano de 2012, também consegui vivenciar a minha paixão pela dança-jazz, principalmente através do meu ensino nas classes do 2º grau. Fico agradecida por isto. Assim também agradeço à Paula por esta autêntica experiência.

Gabi Gruel



Lore Zinn:

Dos primórdios da ESCOLA ULI-SEIBERT

Do estábulo de cabras à cerimónia de inauguração



Lore Zinn

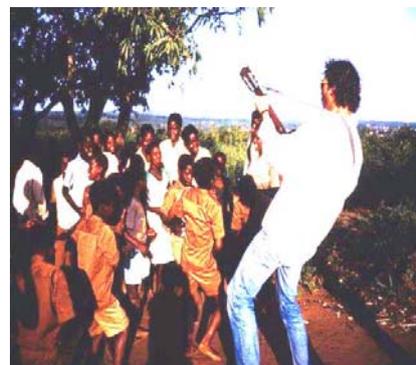
Antiga professora numa escola de Neuss e companheira de Hans Münzhuber em Gondola, Moçambique

Hans Münzhuber, o antigo cinegrafista e iniciador da parceria escolar na província moçambicana de Manica, havia registado no registo predial 70 ha de pastagens arbustivas na região de Gondola-Bengo, para um projecto de reflorestamento, ao mesmo tempo que construía o pequeno centro industrial LORENA (com capital inicial da cidade de Hungen). Ele queria que os filhos dos trabalhadores pudessem ir à escola bem logo.

Por coincidência, perto do corredor de Beira havia uma casa que era usada por um pastor de cabras como local de dormida. Então foi-lhe prometido um local alternativo e nós começámos com a limpeza. Troncos de árvore foram colocados transversalmente como substitutos de bancos. Na pessoa de Dona Gina encontrou-se uma professora muito empenhada. Também pessoas das proximidades traziam os seus alunos principiantes para começarem a vida escolar, e logo em seguida Hans iniciou a construção de uma série de três salas de aula com escritórios, logo seguida de mais uma série – e na pessoa de Sr. Manuel António- ainda conseguiu contractar um professor. No início este empreendimento todo funcionava sob o nome de Escola LORENA.

O grupo de parceria escolar da Escola Integrada de Hungen já havia transferido 8.000 marcos a Hans Münzhuber para a construção de uma escola em 1987. Em 1992 o grupo planejava uma viagem de um grupo de alunos e professores para Gondola/Moçambique. Nesta ocasião, Uli Seibert, que era uma pessoa muito dedicada, deveria depositar a pedra fundamental para um 3º prédio escolar. Já relatámos em outra parte acerca da trágica morte de Uli devido a um acidente. – Agora estava claro que a escola deveria receber o seu nome “ULI SEIBERT”. Como naquela época eu já apoiava Hans Münzhuber em Gondola, prometi que iria empenhar-me por este nome- sem imaginar quais seriam as dificuldades que nos seriam impostas pelas autoridades- inclusive pelo governo provincial. Do ponto de vista das mesmas, as escolas moçambicanas devem levar o nome de heróis nacionais. Mas no final das contas venceu a minha perseverança.

A vida escolar florescia, –os resultados das aulas eram promissores. Porém também cantava-se e dançava-se muito e as pessoas gostavam de festas. Assim, a nossa primeira festa infantil aconteceu em 9 de Abril de 1992, com o apoio financeiro da nossa Dona Uelle (Ursula Ullrich), que era quase cega e tinha dificuldades de andar, e de um grupo de colegas de Neuss que permaneceu por algum tempo conosco. Era uma alegria presenciar, como os alunos tornavam-se extrovertidos ao cantarem e dançarem, também ao pularem dentro de sacos ou ao correrem muito concentradas, balançando uma bola de pingue-pongue numa colher. Também inaugurou-se a nova bola de futebol e os alunos prometeram transformar o terreno atrás da escola em um campo de futebol.

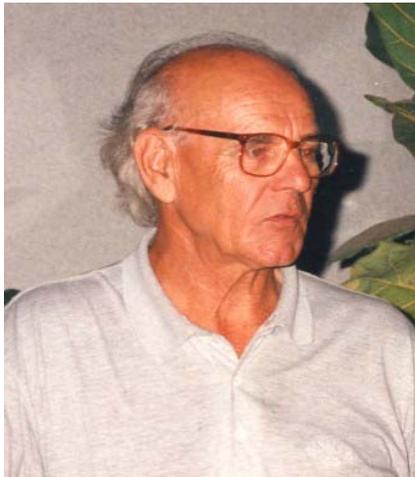


Um ano mais tarde, além do lançamento da primeira pedra do 3º prédio da escola, ainda houve uma festa oficial: a abertura da ESCOLA ULI-SEIBERT no dia 3 de Abril de 1993. No dia anterior ainda havia-se trabalhado diligentemente: As novas carteiras escolares necessitavam de acabamento, 3 mães coziam na cozinha da LORENA, 32 cabras já haviam sido marinadas. A celebração deveria iniciar-se às 12 horas porém –de acordo com as anotações no diário- já eram 14 horas, quando o administrador, o director distrital de educação e Hans M. cortaram a faixa inaugural. Impressionante a disciplina dos alunos!!! – os estômagos já estavam a grunhir!

Durante a refeição foram proferidos discursos – o Sr. Cololombe da administração da escola falou,

entre outros assuntos, da grande falta de espaço pedagógico nas escolas e concluiu a sua palestra agradecendo aos amigos alemães, ao dizer serem eles os que trazem o socorro nesta situação de emergência. Achei um bilhete em português no meu diário onde podia-se ler „...também temos que transmitir muitas lembranças à Escola Integrada de Hungen. Foram eles que deram o dinheiro para podermos construir esta bela escola“. Pena que não pudeste ouvir os aplausos que ressoaram em Hungen!

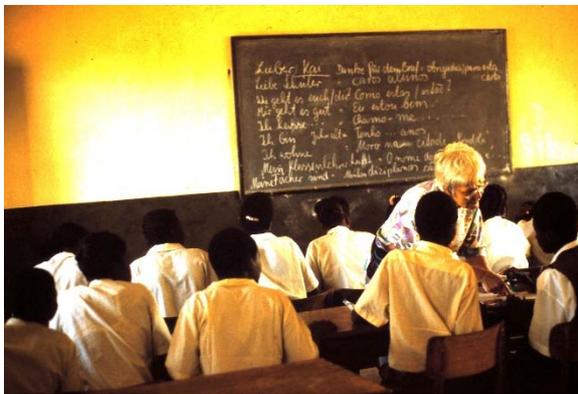
Lore Zinn, Maio de 2020



Hans Münzhuber



Lore Zinn com a Rainha



Na Escola Uli Seibert, Lore ajudou os alunos a responderem às cartas de Hungen, depois de traduzi-las.





Ingolf Hoefler
Director da Escola
Integrada de Hungem
de 1994 a 2010

Escola Integrada de Hungem assumiu responsabilidade

Recordações de Ingolf Hoefler que trabalhou na Escola Integrada de Hungem de 1983 a 2010

Para nós uma grande experiência de grande distância e de solidariedade fraterna
-para nossos amigos moçambicanos uma contribuição importante para
superar os danos causados pelo colonialismo

Para mim a Escola Integrada de Hungem estava vinculada com Moçambique desde o primeiro dia. Vindo de Wetzlar,- eu havia me candidatado ao cargo de director das classes de nível secundário em Hungem, e a avaliação de uma aula ministrada por outro professor também fazia parte do concurso. O colega Kullbach havia assumido a demonstração e – em se tratando da matéria educação cívica - havia escolhido a barragem de Cabora Bassa como tema da aula. A barragem – trata-se de uma das maiores construções em Moçambique – naquela época ainda se encontrava em tenra idade e era pouco conhecida na Alemanha. De certa forma, sabia-se que as condições do acordo com os outros países envolvidos prejudicavam Moçambique, pois a única linha de transmissão de grande porte levava à África do Sul. De lá, Moçambique tinha que recomprar energia eléctrica encarecida.

Ao considerar esta aula, achei que os alunos e alunas mostravam uma motivação que ultrapassava as minhas expectativas, pois dispunham de bons conhecimentos básicos a respeito da situação de ex-colónia do país. Isto não é de admirar, pois há 3 anos Moçambique pertencia ao acervo de experiências vivenciadas de Hungem.

Não tenho que expor aqui o grande empenho e os inúmeros esforços em favor da nossa parceria que acompanharam a criação da Escola Uli-Seibert em Gondola em conjunto com a fundação da empresa Lorena que iria apoiar continuamente o funcionamento da escola.

Em 1988 o Sr.Göttlich, do Regierungspraesidium Giessen foi o único representante da Alemanha a pedir que fossemos apresentar o nosso projecto – em se tratando de uma combinação de financiamento com parceria- no fórum francófono de discussões da abadia de Royaumont (perto de Paris). Este intercâmbio mútuo de experiências com outros países foi um episódio de grande interesse. Neste contexto foi surpreendente (mas, mesmo assim, bem compreensível) o facto de os outros países se empenharem exclusivamente nas suas antigas colónias. Hungem defendia uma posição especial, ao afirmar que uma língua exótica de maneira alguma seria um obstáculo a uma ajuda eficiente. O nosso projecto também foi algo especial devido à vinculação de fomento económico com educação escolar e amizade.

O acontecimento que mais me tocou pessoalmente foi minha participação na viagem a Gondola com uma delegação em 1997 (neste tempo eu era o director da escola; porém quando nossa delegação apareceu, em quase toda a parte saudava-se o nosso amigo e colega Dieter Bretthauer como director. Talvez isto deveu-se à sua estatura um pouco mais imponente).

Tivemos muito encontros alegres com alunos e colegas e tivemos conferências que duraram horas, em que vivenciamos sentimentos de muita confiança pessoal e uma grande disposição de tornar nítidos também os próprios problemas materiais, para a solução dos quais também pudemos nos esforçar nas negociações com o governo.

Naquela época verificou-se que, do ponto de vista financeiro, não seria possível cumprir as esperanças da firma Lorena. E o montante dos donativos de Hungem para a construção e o funcionamento da nossa escola (que então ainda era particular) não bastava para financiar um plano de pensões para o corpo docente. Por isto negociámos com o governo sobre a possibilidade de a escola ser operada pelo estado. Por fim, este objectivo foi alcançado. Desde então continuámos a cuidar do apoio e do desenvolvimento da Escola Uli Seibert, mas os nossos professores recebem seus salário e suas pensões do estado.

Depois pudemos dedicar sempre mais a nossa ajuda aos diversos edifícios escolares do nosso venerado amigo Padre Vicente.



Hoefer em diálogo com Virgílio Juvane (esq.) no Ministério da Educação, Maputo
Em 1989 Juvane visitou Hungen e participou da caminhada de patrocinadores



Uma directora e um director na carteira
na Escola-Uli-Seibert em Bengo, Moçambique

Tivemos muitos encontros gratificantes nesta viagem, e admirámos muito o desempenho dos moçambicanos, que só conseguem libertar-se gradativamente de um subdesenvolvimento terrível e um grau de analfabetismo incrível através de intensivos esforços de formação, e isto não obstante a devastadora guerra civil e catástrofes naturais.

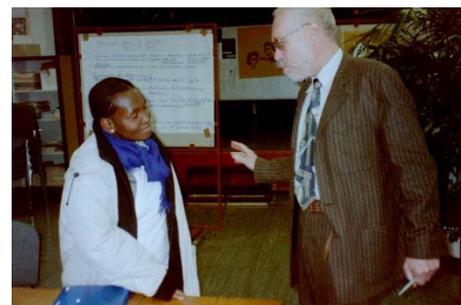
E há mais um pequeno episódio que não devemos esquecer: O governo havia nos convidado ao voo de Maputo (a capital) para Beira (para depois seguirmos até Gondola). Alçámos voo muito confortavelmente mas, quando nos aproximávamos de Beira, notámos que o tempo estava nublado. Evidentemente não existia nenhum dispositivo para a aterragem em caso de neblina. Notámos que o nosso avião voltava a levantar após uma tentativa de aterragem, fazendo mais uma volta. De repente, através de uma janela lateral vimos a pista de pouso e do outro lado nuvens de neblina, para depois o aparelho tocar o solo com um só lado do trem de aterragem, de modo que o aparelho se virou para o lado e a outra parte do trem de aterragem bateu fortemente contra o solo. Isto tudo sucedeu muito rapidamente, mas na memória parece ter-se passado em câmara lenta. Durante a aterragem uma mamadeira voou em linha recta em direcção da cabine dos pilotos. Ela deve ter sido arrancada das mãos da mãe lactante na parte trazeira do avião. No final todos nós aplaudimos intensamente. Ninguém havia se ferido.

Este projecto comum, no qual temos trabalhado juntos constantemente e com muita imaginação há 40 anos, só foi possível graças ao empenho de muitas pessoas, alunas e alunos, professoras e professores e organizadoras e organizadores. Repetidamente perdemos pessoas notáveis, como Walter Exler, o fundador da parceria, e pessoas particularmente empenhadas, como Dorothea Fobbe ou, agora, Agathe Venedey-Grenda, devido à sua reforma.

Também presentemente temos que encontrar muitas pessoas engajadas que prossigam esta obra com tenacidade e imaginação. Ainda há muito trabalho à nossa espera. Ingolf Hoefer



Foto de grupo com o corpo docente da Escola-Uli-Seibert e o grupo de visitantes de Hungen



Nelessia Cossa do Ministério da Educação de Maputo em visita a Hungen



Prof. Elísio Macamo como orador convidado em 2010 por ocasião comemoração do 30º aniversário da parceria escolar com Moçambique em Hungen



Luise Weißler:

Experiência Gigantesca



A parceria escolar acompanhou-me durante todo o meu tempo de aluna da Escola Integrada de Hungen. A começar pela actividade de escrever cartas a alunos e alunas moçambicanas, depois com as caminhadas de patrocinadores, o bazar de Natal anual e –finalmente- com a minha viagem a Moçambique, que não foi muito especial só devido ao facto de ter sido eu a única aluna a participar.

Por um lado, a parceria escolar com Moçambique incentiva de maneira inesquecível uma percepção mais ampla do que é empatia, uma visão para uma cultura completamente diferente, também para uma compreensão verdadeira do que de facto significa ser pobre ou rico, uma visão para a educação, a abundância e a alegria de viver. A comunidade, os contactos, tudo o que cresceu durante todos estes anos, de qualquer forma, deve continuar pois disso não dependem só o fomento

institucional, mas antes de mais nada expectativas individuais de ambos os lados.

O que mais me impressionou na minha viagem foi a alegria com que as crianças iam à escola, o quanto elas riam, enquanto cresciam –do nosso ponto de vista- numa situação de pobreza absoluta. Também pude vivenciar a exuberante beleza de África. Não se trata somente de um país do Terceiro Mundo (como –na teoria- aprendemos frequentemente na escola). É uma vivência gigantesca de paisagens, animais, sol e plantas. Para mim uma experiência que enriqueceu enormemente a minha vida e em que ainda penso muitas vezes.



1994 Luise Weißler, como porta-vóz das classes de incentivo da Escola Integrada de Hungen, entrega um ramo de flores ao convidado Padre Vicente como presente de boas-vindas. Sete anos mais tarde ela o encontrou novamente em Maputo, durante a viagem à Moçambique.



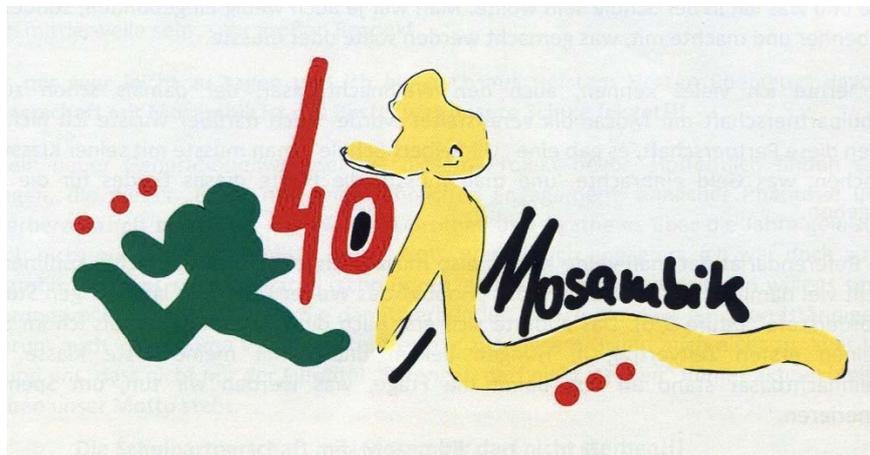
Em Conhane, na qualidade de representante da escola, Luise proferiu um discurso de boas-vindas para os alunos e professores locais.



Em Lulane, perto de Maputo, Luise entregou aos alunos uma guitarra trazida da Alemanha, e na festa da Escola Uli-Seibert dançou com o director Bequimane com o auxillio de um balão. Em 2005 Felizardo Bequimane e seu colega Manuel Antonio Saimone fizeram uma visiita a Hungem.

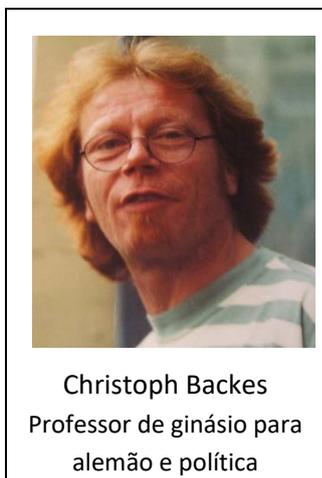


Na Festa das classes de incentivo Luise Weißler apresentou-se juntamente com o grupo de batuque africano dirigido pela professora de música Uschi Philipps.



Christoph Backes **Moçambique (Africa Oriental Portuguesa)** – 40 Anos de parceria escolar da **Escola Integrada de Hungen –**

Uma estória na perspectiva de um marginalizado



Quando iniciei o meu estágio escolar em Hungen no mês de Maio de 1991, o que é que eu sabia a respeito de Moçambique? Nada!

Moçambique era um país longínquo no continente escuro de África, que ficava ainda mais longe, situado em algum lugar no Sudeste. Era o país onde moravam o elefante, o rinoceronte, a girafa e o leão, e também a gazela, o boi cavalo e o antílope. A minha imagem de África era aquela de Bernhard Grzimek e Heinz Sielmann, das séries de televisão „Serengueti não pode morrer“ e „Expedição ao Reino dos Animais“. Como criança que desde sempre se interessava por animais e pássaros, naturalmente eu conhecia os nomes Serengueti, Etocha e cratera de Ngorongoro, Parque Nacional Krueger, Kilimanjaro, Deserto do Namibe e Delta do Cubango-, mas só tinha uma idéia muito difusa de onde tudo isso se encontrava

A minha imagem era a dos mitos sobre Livingstone e Stanley, da exploração da mata virgem no Congo, das legendárias estórias dos rios Zambeze, Cubango e Niger. Foi a época em que construíram-se as barragens de Assuão e Cabora Bassa, projectos que deveriam simbolisar o “Progresso” também em África. Foi a imagem ingénuo de uma criança ou pessoa jovem que havia sido socializada na Alemanha. Hoje, quando pego um atlas e vejo as distâncias que separam todos estes sítios e enfim constato as dimensões reais de África, quase tenho que rir e envergonho-me um pouco dos meus conhecimentos. Tudo isto parecia-me a mesma coisa.

Em 1991, como professor estagiário eu era o mais jovem do corpo docente, havia bastante colegas de „meia idade“ e muitos professores “.velhos“, na sala dos professores fumava-se muito. Não havia fotocopiadoras. Computadores, nem pensar. Pareciam ser realmente bons tempos! Eu não tinha idéia dos grandes processos que regem o funcionamento de uma escola, pois durante o estágio tem-se outras preocupações. Naqueles tempos eu pouco me importava com o quê eu buscava ou o quê. eu realmente queria ser na escola. Pois estávamos pouco integrados, e participávamos ocasionalmente do que podia ou tinha que ser feito.

Assim cheguei a conhecer muitas coisas, entre elas o bazar de Natal que – já naquela época – era realizado em prol da parceria com Moçambique. Também a este respeito eu só sabia pouco: realmente existia aquela parceria, também havia a “Escola Uli-Seibert”, deveríamos empreender qualquer coisa com a nossa classe que rendesse dinheiro, e tínhamos que entregar a metade da quantia ganha ao projecto da parceria.

Como estagiário não se é responsável por nenhuma classe, por isso eu não tinha que cuidar de coisa nenhuma, não tinha-se muito que ver com isto, já que se tratava do “passatempo” de Walter Exler, director de longa data do grau de incentivo da escola (Grau 5/6). Isto mudou-se só depois do estágio, quando, no verão de 1994, recebi o meu contracto temporário em Hungen e, com isto, a minha primeira classe. Estávamos na véspera do próximo bazar de Natal e tínhamos que pensar, como gerar dinheiro. Naquele tempo e também no decorrer dos anos que se seguiram, achei isto um dever bastante enervante que deveria ser cumprido de qualquer maneira. Isto pode ter sido devido ao facto de o sentido e a necessidade deste projecto terem sido comunicados de forma muito intensiva ao corpo docente e aos alunos

É certo que de tempos em tempos a nossa escola recebia a visita de pessoas de Moçambique, por exemplo de padre Vicente, mas isto era um tanto quanto abstracto, passageiro e não produzia e efeito que, na verdade, o projecto de parceria escolar teria merecido Esta situação melhorou com as documentações fotográficas da colega Dorothea Fobbe, que então começava a participar do projecto, acompanhando os

outros nas viagens a Moçambique e de lá trazendo fotos para visualizar os êxitos das nossas campanhas de doação para um público maior.

Também aconteceram „acções“ espectaculares, que tornaram a parceria escolar mais tangível para mim. Por exemplo, certo dia havia um contentor grande no pátio 3 que deveria ser enviado a Moçambique. Impressionou-me grandemente o número de colegas que então se empenharam e a variedade de coisas que foram postas no contentor. Tratava-se de carteiras escolares e uma grande variedade de bens de consumo, e, como “ponto culminante” desta acção, um tractor velho inteiro foi conduzido para o interior do contentor. Isto foi realmente incrível.

Neste momento percebi a magnitude da parceria escolar, percebi o significado verdadeiro do lema “Ajuda à autoajuda”. Mesmo se o dictado “não dê ao homem um peixe, para que ele não passe fome, mas ensina-lhe a pescar” soe de maneira um pouco patética, trata-se da pura verdade. Disso não há como duvidar.

Desde aquela época muitas coisas mudaram, no ano de 2000 consegui um contracto permanente, depois da reforma de Walter Exler a direcção do projecto foi assumida primeiro por Dorothea Fobbe e depois por Agathe Venedey-Grenda, e o bazar de Natal, cuja aceitação cresceu notavelmente (apesar das repetidas discussões sobre o assunto), tornou-se mais profissional.

Certamente ainda hoje muitas vezes é „incómodo”, imaginar-se algo que seja atraente e estimule os alunos a se empenharem no bazar de Natal em prol de Moçambique. Em diversos anos, também eu tentei pagar para libertar-me dessa obrigação, através de donativos simples (antes de isso ser proibido).. Mas os êxitos que alcançamos através deste nosso trabalho são, simplesmente, demasiadamente convincentes.

Por exemplo, convence ver fotos do poço artesiano que ajudámos a financiar há alguns anos, as imagens da alegria das crianças pelo poço, quando vemos o “ponto de água” onde tinham que buscar a água antes. Convence ver, com que idéias fantásticas a Dorothea, como reformada, procura fazer publicidade e conseguir dinheiro para a parceria. Quando o sector de artesanato de Aga torna-se maior e mais atraente a cada ano que passa. Quando se vê, como muitos antigos alunos e professores se engajam em cada ano que passa, para garantir o êxito da parceria escolar. Entretanto tenho um respeito realmente muito grande disso. Hoje tenho muita facilidade de dizer, e também estou convencido disso:

A parceria com Moçambique é a melhor realização da nossa escola!!!

Infelizmente estamos em vésperas de uma nova mudança de gerações nesse projecto. Espero que se encontrem (jovens?) colegas, que mantenham esta “herança” com o mesmo empenho, a mesma fantasia e a mesma grande dedicação demonstrados por Walter, Dorothea e Agathe durante todos estes anos. Que não se adornam só com o predicado “Ai meu Deus, estou tão engajada/o, até já estive em Moçambique” (porque foi tudo tão barato!?), mas também estão prontos e dipostos a executar o trabalho responsável vinculado a isto. Eu mesmo (quais que sejam os motivos) continuei a ser um “marginalizado” e devido a isso talvez não me compete, mas desejo a mim e a nós que não só o filme “Serengeti não pode morrer” sempre continue actual; mas que ao lado esteja escrito o nosso lema:

A Parceria com Moçambique não pode morrer!!!

Comunicamos aqui o falecimento de Christoph após uma grave enfermidade, 6 meses depois deste artigo, escrito em 24/1/2020. O funeral realizou-se em Hungen com a presença de um grande número de antigos alunos e professores. Ao invés de flores e em conformidade com Christoph fizeram-se pedidos de donativos para a parceria escolar com Moçambique.

We are together Mozambique has an intensive cooperation with the Republic of Germany through the Understanding Protocol signed between KKM – (Mozambique and Germany Coordinating Committee) – and the Ministry of Education and Human Development, many years ago since the 1970s and including Gesamtschule Hungen.



Nelessia Cossa

Professora e funcionária responsável no Ministério da Educação em Maputo para questões de cooperação escolar, acompanhante e intérprete nas Jornadas de encontro dos grupos escolares de Hungen

Many times pupils, parents and teachers from Germany visited schools in Mozambique to know how people live and finance the construction of schools and kindergartens for pupils and children of the country.

Parents, pupils and teachers in Mozambique also visited schools in Germany to deepen the relationship and exchange experience between the two countries.

Now that the Gesamtschule Hungen is going to celebrate this year the 40th anniversary of the partnership with Mozambique we wish you the best and have good activities to mark the date and do not forget that we are together although the distance separates us. We are together also in fighting the world sickness Corona Virus.

To the pupils of Gesamtschule Hungen, the Government and to ALTERNAID goes our thanks for the immeasurable work you do to help the Mozambican pupils and last but not least the sale of your products at the bazar every year in order to contribute in the construction of kindergartens and schools. "God Bless You." Nelessia Cossa



Nelessia na cerimónia do 30º Aniversário da Parceriam Escolar com Moçambique no salão de festas da cidade de Hungen e durante uma aula. Em Moçambique Nelessia acompanha os grupos de visitantes de Hungen e ajuda nas traduções.

The following is the map of schools built and being built with the financing help of the German people:

| Name of School | German supporting group | Contact person of the group | Province in Mozambique |
|--|---|--|------------------------|
| Escola Primária Kurula Escola Primária 10 de Janeiro Escola Primária Wiriamo Escola Primária do Zimpeto Escola primária de Laulane Escola Primária 9 de Agosto Escola Primária 10 de Novembro Escola Secundária de Ressano Garcia EPC de Chanculo EP1 de Inkomati Escola Secundária da Matola Escola Secundária Quisse Mavota | Bremen “ “ “ “ Lennestadt “ “ “ “ Hamburg | Allochr@aol.com Annegret Schule.meggen@t-online.de Joachim Pfeiffer Rainer_@hotmail.com Rainer maehl | Maputo |
| Escola Primária A Luta Continua de Messano EPC de Manjange B EP1 de Mapapa EPC de Mazivila | Lubeck Bielefeld- Welthaus | konradschneider@gmx.de katrin Schneider Christian.walger@welthaus.de Christian walger | Gaza |
| Escola Secundária de Bengo Uli Seibert EPC de Nhamacoa Rica 1º e 2º grau de Mucéssua Escola Secundária Josina Machel Instituto Politécnico de Chissassa-Macate EPC de Chibuto II | Hungen Hungen/Baunatal | DoroFobbe@web.de Dorothea Fobbe | Manica |
| Escola Secundária Herois Moçambicanos Centro Especial de N’konedzi Centro de Boroma | Bielefeld- welthaus Lennestadt | “ “ “anne-frank- schule.meggen@t-online Joachim Pfeiffer | Tete |
| EP2 Ancuabe EP de Mieze e de Pemba-Metuge | Altena Dortmund | Urialtena@cityweb.de Ulla rinke Woelki@t-online.de Dietrich Woelki | Cabo Delgado |

The Instituto Politécnico de Chissassa-Macate is being built and it has:

1 administrative block

4 classrooms

3 laboratories

1 informatic room

1 agriculture warehouse

1 well water with pump

1 construction workshop

1 teachers room

1 library

2 wc for teachers

2 wc for trainers

1 workshop for carpentry and woodwork

2 rooms for qualification of communication, informatics and technologies

Jorge Filipe



Coordenador dos projectos de construção de escolas em Moçambique e antigo aluno da "Escola da Amizade" em Stassfurth/República Democrática Alemã

Construir escolas, ajudar crianças

Chamo-me Jorge Filipe, já estou na associação desde 2005 e trabalho em Moçambique como coordenador entre Hungem/Alemanha e Manica/Moçambique. Neste período realizámos muitas coisas.

Melhorámos a Escola Uli-Seibert em Bengo. Lá construíram-se 4 salas de aula (com todo o mobiliário) e uma sala de professores com refeitório. Em seguida pintamos a escola inteira. Um poço artesiano novo e instalações sanitárias também foram financiados pela Alemanha. Também trouxemos energia eléctrica à escola, transpondo uma distância de quase 2 km com um transformador de 50 kw.

A Escola Uli-Seibert é a escola parceira mais significativa da Associação que, como vocês podem ver, leva um nome alemão.

De Bengo fomos convidados a Nhamacoa Rica, que na época pertencia ao Distrito de Gondola. Lá construímos uma escola com 5 salas de aula, um edifício administrativo, duas casas de professores, um mastro, um poço artesiano e sete latrinas. Todas as salas de aula e o edifício administrativo receberam móveis.

Seguiu-se a escola em Chibuto 2. Desta vez um pouco maior do que Nhamacoa Rica, com 5 salas de aula, um edifício administrativo, 3 casas de professores, 11 latrinas, um poço artesiano e um campo de futebol com medidas internacionais e relvado. O mobiliário também foi pago.

A Escola secundária Josina Machel situa-se na cidade de Gondola. Este foi o último projecto que construímos e renovámos. Lá construíram-se 5 salas de aula, uma biblioteca, 2 salas de laboratório, um edifício administrativo, uma sala de professores, uma sala de informática, 7 latrinas modernas e um mastro. A maioria dos móveis escolares também foram financiados, e 30 computadores estavam à disposição da sala de informática. Também foram renovados 11 salas de aula com 4 escritórios.

De nossa parte, a maior obra de todos os tempos será construída proximamente em Chissassa, no Distrito de Macate. Trata-se de uma escola de formação profissional, onde serão leccionadas 4 profissões (informática, marcenaria e carpintaria, construção civil e agricultura).

Desde 23 de novembro de 2018 a empresa de construção civil SAI Construções ocupa-se com a construção de 4 salas de aula, 2 salas de informática (para a formação), um edifício administrativo, uma sala de informática (TIC), uma sala de biblioteca, 3 laboratórios (física, química e biologia), uma oficina de construção civil, uma oficina de marcenaria e carpintaria, um espaço de armazenamento para o sector agrícola, 7 instalações sanitárias, um poço artesiano, uma casa de professores e 2 cisternas com uma capacidade volumétrica de 20 m³ cada uma.

A entrega deste projecto ao governo moçambicano será em Junho. Isto é motivo de alegria para a população de Macate e o Governo Provincial.

Estou muito satisfeito com os membros do Governo Provincial, porque sempre mostram-se dispostos a colaborar com a associação.

De 14 a 16 de Março houve graves efeitos do ciclone IDAI e muitas escolas foram destruídas. Nhamacoa Rica, Chibuto 2 e Josina Machel foram atingidas. As escolas que mencionei aqui foram financiadas pela associação. Todas elas foram consertadas. O dinheiro veio da Associação da Escola Integrada de Hungem.

Também consertámos 2 escolas que não foram financiadas pela associação. Refiro-me à EPC Chissassa em Macate e à EPC Mucessua em Gondola. Chissassa teve problemas com os telhados e em Muçessua 3 salas de aula foram totalmente destruídas. Então fizemos 3 salas de aula completamente novas. Também houve problemas com o assoalho em 5 salas de aula, e isto também foi solucionado. O Governo Provincial, os governos distritais e a população agradecem imensamente à Associação de Parceria (houve fotos da ocasião).

Aqui em Chimoio também apoiamos uma pequena equipa infantil de futebol com camisolas e um pouco de dinheiro. A maioria das crianças não têm nem pai, nem mãe. O objectivo é, mantê-las ocupadas para que não lidem com álcool e outras substâncias nefastas. A Casa Catarina, que fica nas imediações de Chimoio, perto do IAC, também recebe algo de Hungen. Eles encontram-se na mesma situação como a pequena equipa de futebol de Chimoio.

Alegro-me muito por poder trabalhar juntamente com a associação, pois desde que tomo parte aprendi muito, e muitas coisas da minha vida mudaram positivamente. Alegro-me especialmente por poder trabalhar junto com a Sra Aga e a Sra Dorothea, que são pessoas realmente muito boas. Aaaah....afinal a Alemanha é a minha segunda pátria. O meu alemão melhorou, senão eu teria esquecido a minha segunda língua.

Também quero agradecer cordialmente pela confiança que vocês depositaram em mim, e acredito que tudo está correndo como planejamos. Devido a esta pandemia infelizmente não podemos estar juntos pessoalmente, mas estamos juntos mesmo assim, e desejo-vos tudo de bom pelo 40º aniversário da Associação.

Por fim , quero agradecer novamente a todos os membros da Associação e espero que trabalhemos juntos sempre e sempre e sempre.

Filipe, Maio de 2020



Uma boa equipa para o projecto de Nhamacoa Rica Samuel (Construção), Aga (Finanças), Filipe (Planejamento), Lukas (Iniciador)



Água potável limpa para a população do novo poço artesiano (52m) em Chibuto II



Filipe 2008 em Frankfurt/Main



Filipe com Miró Exler em Hungen

Isabel Miguel-Chingassuipa: Mensagem de agradecimento


REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE
PROVÍNCIA DE MANICA
GOVERNADO DISTRICTO DE MACATE
SERVICO DISTRICTAL DE EDUCACAO, JUVENTUDE E TECNOLOGIA
REPARTIÇÃO DE ENSINO TECNICO PROFISSIONAL E TECNOLOGIA

VISTO
O Administrador do Distrito
Mauçício Mashaube Silwele
(Mauçício Mashaube Silwele)

**A: Associação de
Cooperação Escolar com
Moçambique da Escola
Integrada de Hungem**

Mensagem de agradecimento

É com muita satisfação que o Serviço Distrital de Educação, Juventude e Tecnologia recebeu a informação de celebração do quadragésimo (40) aniversário desde a criação da **Associação de Cooperação Escolar com Moçambique da Escola Integrada de Hungem (VEREIN SCHULPARTNERSCHAFT MIT MOSAMBIK)**, através da boa cooperação beneficiou numa fase inicial da construção da Escola Primária Completa de Nhamacoa Rica, reabilitação da Escola Primária Completa de Chissassa no âmbito de reconstrução pós CICLONE IDAI e actualmente está em curso a obra da Escola Profissional de Chissassa em benefício das suas respectivas comunidades, contribuindo assim na materialização dos desafios do Governo Moçambicano nos Objectivos de Desenvolvimento do Milénio no qual prevê a expansão da rede escolar para garantir o acesso a escolaridade de toda a criança. Nós como representantes da comunidade, sentimo-nos muito lisonjeados pelo facto da Associação estar a prestar o apoio na área de educação, contribuindo assim o crescimento do Distrito.

Com essas palavras de apreço, queremos em nome da comunidade de Macate no geral agradecer o gesto por vós prestado, a nossa gratidão estende-se com "particularidade" ao Engenheiro Jorge Filipe, e a Dra Agathe Venedey, coordenador e Presidente da Associação em Moçambique respectivamente pelo esforço imensurável que tem envidado para trazer um novo rosto ao distrito de Macate e desejar feliz Aniversário a Associação e que continuem dando a mão a quem necessita apesar das dificuldades que em algum momento tem encarado, ai vai o nosso encorajamento visto que todos de mãos dadas superamos os obstáculos.

BEM-HAJA ASSOCIAÇÃO DE COOPERAÇÃO ESCOLAR COM MOÇAMBIQUE DA ESCOLA INTEGRADA DE HUNGEN

Macate aos, 11 de Maio de 2020

A Directora do Serviço
Isabel Chingassuipa
(Isabel Evaristo Miguel-Chingassuipa)
/Inst. Tec. Ped. N1/

BBSAM

SDEJT – MACATE R523 email: sdejtmacate@gmail.com



| | | |
|---|---|---|
|  |  |  |
| <p>Mauricio Masharubu Silwele (Chefe do Governo Distritalde Macate)</p> | <p>Isabel Chingassuipa (Directora Distrital)</p> | <p>Boaventura Muzonde (Director do Departamento de Educação)</p> |



Agathe Venedey-Grenda:

Perspectivas para o futuro de muitos moçambicanos e moçambicanas

Após o término da renovação e da ampliação da Escola secundária Josina Machel em Gondola, que é o maior projecto realizado por nós até agora, pretendíamos melhorar o equipamento da Escola Uli-Seibert. Em se tratando de uma escola secundária, esta dispõe de salas suficientes e de electricidade, porém faltam computadores para a sala de informática; e as matérias física, biologia e química têm que ser leccionadas na sala de aula. Assim, os professores nos apresentaram várias vezes o desejo de que remediássemos a situação.



Mas o Governo Provincial visava voos mais altos, preferindo que nós nos empenhássemos na construção de uma escola profissionalizante no recém criado Distrito de Macate, em vez de tentarmos melhorar as condições da nossa velha escola primária parceira em Nhamacoa Rica. Assim, o governo pediu que construíssemos uma escola profissionalizante em Chissassa, situada acerca de 10 km da escola primária de Nhamacoa que também foi construída com a nossa ajuda financeira. Essa pretensão também

coincidia com a meta de desenvolvimento acordada entre a República Federal da Alemanha e Moçambique que visa colocar em foco a formação profissional de pessoas jovens. A uma solicitação à Fundação ALTERNAID, que havia nos dado um apoio financeiro importante para as 3 últimas construções escolares, perguntando se apoiaria financeiramente mais uma parceria escolar, seguiu-se uma pronta reacção positiva.

Então demos os primeiros passos no planeamento, que foram substancialmente coordenados por Jorge Filipe, nosso encarregado dos projectos de construção de longos anos.

Foi especialmente considerado que se seleccionassem disciplinas escolares que pudessem ser escolhidas tanto por meninos como por meninas. Além disso é importante que, depois da formação, também haja chances suficientes de conseguir-se um emprego. Isto levou à escolha das seguintes disciplinas: engenharia civil, carpintaria/marcenaria, informática disciplinar e agricultura.

Depois da nossa notificação prévia em Agosto de 2017, também o Ministério de Cooperação Económica e Desenvolvimento (MCED) mostrou-se disposto a apoiar o projecto. Desta forma iniciou-se o planeamento detalhado, com a finalidade de recebermos os 75% de co-financiamento do MCED (prefiro evitar de expor aos leitores e leitoras a grande complexidade do requerimento correspondente).

Durante uma cerimónia solene realizada em 23 de Novembro de 2018, após a aprovação desse pedido, a pedra fundamental pôde ser lançada e os trabalhos de construção começaram. Revelou-se ter sido muito feliz a escolha da empresa SAI Construções, pois os trabalhos na obra progrediram rapidamente.



Cerimónia em honra dos
ancestrais



Oração pelo bom êxito



É lançada a pedra
fundamental



O primeiro
fundamento

Paralelamente aos trabalhos, o empreiteiro Hemanth Ponnappa até mesmo conseguiu restaurar a EPC

Chissassa e a EPC Muçessua, duas escolas primárias destruídas pelo ciclone IDAI.

Para isso nossos alunos, professores, a directoria, pais e amigos da parceria escolar empenharam-se de forma extraordinária, para conseguirem donativos financeiros ou trabalhando temporariamente para ganharem dinheiro, recursos estes que foram doados logo em seguida. Além disso, numerosas pessoas das regiões de Giessen e de Hungen contribuíram com uma soma considerável de dinheiro, tanto assim que, juntamente com um donativo generoso da Fundação ALTERNAID, chegámos a colectar 50.000 Euros. Esta quantia foi suficiente para colocar as escolas num estado até melhor do que antes de ocorrerem os danos.



Porém a escola profissionalizante, que era o nosso verdadeiro projecto, não sofreu com isso. Em Julho de 2020 o conjunto dos edifícios já pôde ser entregue ao Governo Provincial de Macate. Tratou-se de *4 salas de aula, 2 salas de informática para a formação em tecnologia da Internet, cada uma com 30 postos de trabalho com computador, 3 salas laboratoriais para física, química e biologia, uma sala de informática para os alunos do sector de manufactura/agricultura, um edifício administrativo com escritórios, um edifício com sala de trabalho para professores e biblioteca, oficinas de construção civil, de marcenaria e carpintaria, assim como uma área para o armazenamento de produtos agrícolas, uma casa para a directoria, 5 instalações sanitárias para alunos e professores, um poço artesiano com 50 m de profundidade provido de bomba mecânica, assim como 2 cisternas que comportam 20 m³ por unidade. Adicionalmente adquiriu-se um volume considerável de equipamentos para as oficinas.*



Agradecimento aos ancestrais pelo bom êxito da construção



"Autoridades" por ocasião da entrega da escola e dos materiais



O empreiteiro (centro) no edifício administrativo



Uma das salas laboratoriais com mesa de ensaios



Filipe testa novo poço artesiano



Entrega dos 90 computadores



Vibrador e ancinhos



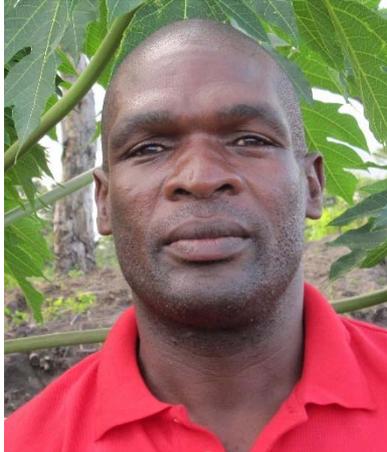
Betoneira

Quando a electrificação da região estiver completada, conforme anunciado ainda em 2020, a escola poderá ser ligada directamente à rede pública de fornecimento de energia. O mobiliário será oferecido inteiramente pelo Governo Provincial. A escola deverá então ser oficialmente inaugurada no início do novo ano lectivo, em Fevereiro de 2021. Até lá todos os professores que estão a leccionar deverão ter concluído a sua formação de professores do ensino profissional na Universidade Pedagógica de Chimoio.

Esperamos que, dessa forma, os jovens da região tenham uma boa perspectiva para uma vida financeiramente autónoma. De qualquer maneira, podemos dizer que em Moçambique a demanda de trabalhadores bem formados é considerável.

Tendai Zeca Faife:

Creating Strong Relationships



Tendai Zeca Faife

Antigo director
da EPC Bengo Uli Seibert
(2010 - 2020)
em Bengo, Moçambique

My name is Tendai Zeca Faife, an honour degree holder in Portuguese teaching. I am the former head-master of Uli-Seibert-School from May 2010 up to February 2020.

Firstly on behalf of Uli-Seibert-School, I would like to thank you, our partners from Hungen (your friends, students and the German Government), for the unconditional support that you have given to our school Uli-Seibert here in Gondola district, Manica Province, Mozambique, during these years that we have been working together.

Through your generosity, we have classrooms, laboratories and offices in different schools. You also constructed 5 classrooms, a school library, 30 computers and administrative block at Josina Machel. We are also grateful for the undergoing construction of a Technical School in Macate.

You have facilitated Uli Seibert School Community, the teachers and the students for expeditions to different places such as Gorongosa National Park Safari, Chicamba Dam, Casa Msika and Chimanimani National Reservation – only to mention a few.

We won't forget how we learned many things through sharing life stories and experiences between the students and teachers from Germany during your visits. We created a very strong and lasting relationship.

Last but not least we wish to have a fully equipped computer classroom and a school library at Uli-Seibert Secondary School.

Best regards

Tendai Zeca

I love you all



Isabell Sophie Keil:



Isabell Sophie Keil

Antiga aluna da Escola Integrada de Hungen
– com a pequena Isabel nos braços

Educação Sólida para uma vida melhor

Em Setembro de 2011 uma pequena delegação de 12 participantes viajou para Moçambique, um lindo país, a minha pessoa inclusive. Foi a minha primeira viagem de longo curso.

Havíamos nos preparado bem de antemão, conversando sobre as nossas expectativas e imaginações relativas à viagem. Até hoje, depois de mais do que 10 anos, ainda sinto um formigar na barriga, quando penso em tudo isso.

Na retrospectiva imediatamente me vêm à mente as seguintes impressões desfavoráveis quanto à

posição de mulheres e homens na sociedade: para garantir a própria existência, as mulheres engravidam na idade de 15 anos, já que os homens são obrigados a cuidar da mulher e dos filhos. Além disso, a falta de alimentação suficiente e as distâncias extremas entre as escolas e a própria casa. Muitas vezes, as crianças são obrigadas a caminhar um número infindável de quilómetros para alcançarem uma escola. Transportes públicos, nem pensar.

Naturalmente também guardo belas recordações dessa viagem. Durante um passeio pelo bairro de Mudzingadzi nas imediações de Chimoio, onde há muita pobreza, passámos ao lado de uma festa nupcial e fomos convidados a participar, cantando, bailando e festejando. Não obstante nós haveremos sido pessoas estranhas, todos se alegraram de compartilhar esse dia feliz conosco. Isso foi um sentimento incrível.

Geralmente todas as pessoas são muito cordiais, abertas e felizes, mesmo as suas condições sendo muito piores do que as nossas. Isso ajudou-me a ver o mundo com outros olhos e de valorizar justamente as pequenas coisas. O materialismo não vai fazer as pessoas felizes, são experiências que nos enriquecem e permitem que nos tornemos pessoas melhores. E alunos da Escola Integrada de Hungen podem ser uma parte disso, adquirindo experiências pessoais e crescendo com disso.

Na altura éramos os alunos do nível secundário da Escola Integrada de Hungen obrigados a nos confrontar com as situações de vida locais. Então começámos a questionar as coisas na tentativa de encontrarmos soluções apropriadas. Teríamos preferido solucionar todos os problemas ao mesmo tempo. Mas então Aga e Doro disseram que não é possível solucionar tudo de uma vez só. Que se deve localizar a origem dos problemas para conseguir resolvê-los. A educação deficiente é uma das causas disso. É o começo que pode colocar tudo o mais em funcionamento. Os fundamentos de uma educação sólida são a garantia para o desenvolvimento de um país.

Esse fundamento é constituído pela Associação Registada de Cooperação Escolar com Moçambique. Ela procura possibilitar uma vida melhor para as pessoas em Moçambique. Com as viagens constantes das delegações, o contacto contínuo com pessoas no local criou-se uma plataforma bem sucedida, para traduzir promessas em acções.

Fico muito grato por essa viagem linda e marcante. Pudemos nos empenhar com as próprias mãos e ser parte de um magnífico projecto, e sugiro que cada pessoa também se torne membro da Associação de Cooperação com Moçambique, apoiando-a com toda a sua força.

Isabel Sophie Keil



Daniel Komma

Antigo aluno da Escola Integrada de Hungem e professor de artes cénicas

Daniel Komma: **Moçambique 2011 & 2012**

Tive a grande sorte de participar duas vezes dessa viagem única. Para mim, Moçambique está associado a tantas coisas que agora mesmo eu conseguiria escrever um livro inteiro a esse respeito. Lembro-me especialmente das visitas nas escolas parceiras. Lá o intercâmbio deu-se em todos os níveis possíveis.

Rimos, cantámos, dançámos juntos e compartilhámos muitos momentos maravilhosos. Até conseguimos empolgar os moçambicanos e moçambicanas com canções populares da Alemanha. Eu próprio sonhava de um projecto de teatro nesse país fascinante.

Certo dia voltarei para lá e já agora alegre-me por uma canção muito especial: "We are ha-a-ppy to be together, we are happy to be together ..." :-)



Susanne Schaub

A viagem deixou impressões profundas:



Susanne Schaub

Professora de alemão e inglês na Escola Integrada de Hungem

A viagem a Moçambique em 2012 foi uma experiência inigualável. As impressões obtidas e as pessoas que encontrámos deixam uma impressão profunda e indelével, e posso recomendar essa viagem grandiosa e impressionante a qualquer pessoa. É fantástico que essa possibilidade tem sido oferecida anualmente pela nossa escola.





Marcus Seipp
Professor de inglês, biologia e
artes cénicas na Escola
Integrada de Hungen

Marcus Seipp: **Porquê esse esforço todo?**

Todos os anos a Escola Integrada de Hungen organiza o seu grande bazar de Natal. Muitos alunos, pais e até avós empenham-se nos preparativos, para fazerem prendas natalícias ou cozer e cozinhar delícias culinárias. Isso significa esforço organizacional e exigência de tempo também para os professores. – Mas porquê isso tudo?

Em 2014 pude participar da viagem a Moçambique como professor. Impressionaram-me particularmente a gratidão das crianças e dos pais moçambicanos pela ajuda prestada na construção da escola. Cada vez que visitávamos uma das escolas que apoiamos, as pessoas dançavam e cantavam de alegria.

Tornou-se-me claro que faz muita diferença, se uma criança está a tomar aula sentada em um tronco de árvore debaixo de um toldo a céu aberto, ou se está sentada em uma sala de aula, protegida do sol e da chuva e podendo aprender sentada numa carteira.

A visita em Moçambique tornou-me pensativo. Os alunos de Hungen que viajaram comigo e eu próprio nos vimos confrontados com muitas contradições: Caminhamos por um bairro de Maputo, onde moram os mais pobres, andando com as nossas sapatilhas caras. Entre barracas de chapa ondulada encontra-se uma criança sentada numa poça de água lamacenta, a brincar risonha com os seus irmãos. A pobreza é visível por todas as partes mas apesar disso as pessoas parecem irradiar uma grande alegria de viver. Em muitos lugares a natureza está praticamente intacta mas constróem-se estradas pavimentadas e desmata-se a floresta. É necessário questionar, quais são os países que querem ganhar influência com essas medidas de construção, para garantirem recursos próprios. Também nós de Hungen começamos a questionar, qual seria o papel que desempenhamos num mundo globalizado e qual é a responsabilidade que nos cabe.

Voltando a minha pergunta inicial: Para que serve o nosso bazar de Natal? Porquê esse esforço todo? A educação possibilita as pessoas em Moçambique a encontrarem soluções sustentáveis para os problemas do seu país e a tomarem decisões autónomas. Com a construção e o apoio de escolas nós, como comunidade escolar da Escola Integrada de Hungen, contribuimos activamente para que se consiga isso! Espero que a parceria escolar com Moçambique ainda possibilite muitos alunos a ver isso!

Marcus Seipp



Viagens a Moçambique



- 1987 Walter Exler, Jochen Haas e 10 pessoas de Lennestadt
- 1989 Dieter Bretthauer, Inge Exler, Brigitte Sommer, Daniela Nisdil, Tim Nungesser
- 1992 Walter Exler, Bettina Schmidt, Jochen Haas, Steinbacher membros da comunidade de Steinbach
- 1994 Reinhold Bonnert e esposa, Norbert Günther, Petra Briehl
- 1997 Ingolf Hoefler, Dieter Bretthauer, Brigitte Sommer, Dorothea Fobbe, Karin Hermes, Rene Fritz, Katrin Ebersohn, Jens Peter Schneider
- 2001 Volker e Chris Schmidt, Paul Müller, Dorothea Fobbe, Luise Weißler
- 2004 Brigitte Sommer, Dorothea Fobbe, Rene Fritz, Tamara e Nastassja Fischer
- 2006 Walter Exler a esposa Inge
- 2006 Agathe Venedey-Grenda, Dorothea Fobbe, Paul Müller, Gisela Golf, Arne Zimmer, Nikola Grenda
- 2007 Dorothea Fobbe, Agathe Venedey-Grenda
- 2008 Sabine Lampson, Ulrike Fischer, Andreas Rück, Karin Mäuer, Nikola Grenda, Annika Ploenes, Agathe Venedey-Grenda
- 2009 Agathe Venedey-Grenda, Paul Müller, Nikola Grenda, Sabine Lampson
- 2010 Margret Mühl, Karl-Heinz Mühl, Dorothee Seibert, Dorothea Fobbe, Theresa Rudek, Lisa Hofmann, Anika Wagner, Nadine Standfest, Agathe Venedey-Grenda, Brigitte Sommer
- 2011 Dorothea Fobbe, Agathe Venedey-Grenda, Daniel Komma, Sophia Kühn, Isabell Keil, Lisa McMahon, Teresa McMahon, Anja Hanusch, Vanessa Wagner, Andrea Ehler, Sabine Leschner, (Ulli Müller – da África do Sul, que aderiu ao grupo)
- 2012 Julia Gawlina, Franziska Frank, Tim Gonder, Monique Reckow, Marie-Christin Bopp, Gero Friedrich, Daniel Komma, Susanne Rosch (agora Schaub), Agathe Venedey-Grenda
- 2014 Dorothea Fobbe, Jan Hemmer, Marcus Seipp, Lea Theiß, Mona Walther, Agathe Venedey-Grenda, Jutta Lenz, Detlev Morawietz, Annabel Reinmann
- 2015 Agathe Venedey-Grenda, Dorothea Fobbe, Celine Lotz, Annika Leidner, Rebecca Kaletsch, Jannik Müller, Hannah Raab, Alexandra Kravljanc, Jan Ferdinand
- 2016 Agathe Venedey-Grenda, Nicara Parr, Tamara Nosty, Katharina Kaiser, Anton Frankfurt, Dorothea Fobbe
- 2017 Jasmin Auel, John Beinecke, Sandra Feiertag, Jan Ferdinand, Lara Frutig, Pauline Groß, Sarah Kraus, Mia Lintl, Lara Rautschka, Elisa Seibert, Melina Wagner, Agathe Venedey-Grenda
- 2018 Sarah Bajon Rodriguez, Leonie Bernshausen, Paul Glasbrenner, Sophie Glasbrenner, Tanja Groß, Janina Merz, Louisa Seibert, Johannes Stumpf, Laura Witzendorff, Agathe Venedey-Grenda
- 2019 Annika Benner, Karin Bischoff, Etienne Emmert, Jan-Hendrik Engel, Luca Groß, Dorothea Fobbe, Malik Islamagic, Lili Kopf, Paul Linkmann, Kaja Lück, Lea Lück, Anne Müller, Finn Schmidt, Rebecca Schüttpelz, Eda Travaci, Jonathan Tropp, Hanna Weihrauch, Agathe Venedey-Grenda

Jutta Lenz:

Palavras de saudação de Baunatal



Jutta Lenz

Professoras da
Escola Theodor Heuss de
Baunatal, empenha-se
activamente pela parceria
com a EPC Chibuto II

Porque na lista de compras de uma escola encontram-se uma garrafa de aguardente e dois charutos?

Esta pergunta me preocupava, quando estive em Moçambique com vocês pela primeira vez e nós fazíamos compras para a inauguração da nova escola em Chibuto 2. Com o apoio da vossa associação, de patrocinadores e de outros financiadores, essa escola deveria tornar-se escola parceira da Escola Theodor Heuss de Baunatal. Porém aguardente e charutos não se incluíam na minha imagem de uma parceria escolar, e também as respostas às minhas repetidas perguntas não levaram a uma maior clareza.

Só no dia antes da inauguração consegui entender: obviamente esmigalhar charutos e derramar aguardente fazem parte de uma cerimónia tradicional, que naquela ocasião se desenrolava diante dos meus olhos. Para mim, aquele foi um momento bem emocionante. Inesperadamente não se tratava mais da importância de um artigo de consumo, mas de compreender o outro; e, visto desse modo, do valor em si de uma parceria

escolar transcultural.

A mais de 40 anos atrás vocês descobriram a vossa afeição pelos moçambicanos e por Moçambique e, baseado nisso, conseguiram desenvolver um grandioso projecto. Graças a vocês, muitas crianças e jovens conseguiram acesso a uma educação escolar em edifícios bem construídos e que podem ser mantidos a longo prazo. Desde então muitos momentos emocionantes contribuíram para aumentar a compreensão mútua.

Espero que esse empenho ainda seja levado adiante por muitos anos e desejo-vos o melhor possível pelo vosso jubileu. Hakuna Matata.

Muito cordialmente

Jutta Lenz & Barbara Ullrich & Antje Rückert, Escola Theodor-Heuss Baunatal



Como hóspedes da cerimónia de inauguração oficial e da cerimónia tradicional em Chibuto II

Nicara Parr:

Minha estória sobre a minha viagem a Moçambique



Nicara Parr

Antiga aluna da Escola Integrada de Hungen

No verão de 2016 pude participar da viagem de solidariedade a Moçambique. Era a primeira vez que iria viajar por um país de outro continente.

Infelizmente naquele ano não foi possível seguir pelo itinerário de costume, como se havia feito nos anos anteriores. Estavam sucedendo distúrbios políticos no país, havia conflitos entre o partido governamental FRELIMO e o partido oposicional RENAMO, infelizmente também na província de Sofala, onde se encontra o Parque Nacional Gorongosa.

Aga e Dorothea esforçaram-se muito, e com sucesso, para planejar um trajeto novo, para que pudéssemos iniciar a viagem juntos.

Naturalmente, o parque nacional teria sido um ponto alto da viagem, mas isso não deu certo. Então abandonámos Moçambique no sul e viajámos um pouco pela África do Sul. Lá nos aguardava a aventura de um safari no mundialmente famoso Kruger National Park. Também encontrou-se uma possibilidade de recuperação à beira do mar, o que originariamente deveria acontecer em Tofo: Fomos à Praia do Bilene. Esta foi uma alternativa muito bem-sucedida. Mais uma vez obrigada.

Todas as pessoas que encontrámos na viagem trataram-nos todos com muita cordialidade. Sobretudo as crianças nos observavam com olhos muito vivos. Em todos os sítios em que chegávamos, fossem eles jardins-de-infância ou escolas, éramos saudados com danças e cantos das crianças e de jovens mulheres e homens. Ficávamos contentes só de olhar e também tínhamos vontade de participar.

Isso foi só para mostrar uma pequena visão geral da nossa viagem. Porém eu também queria escrever mais sobre a nossa parceria e, sobretudo, sobre as nossas escolas parceiras.

Naturalmente também havia um voo doméstico em direcção a norte (visto de Maputo) para o destino mais importante da nossa viagem, que era a Escola Uli-Seibert em Bengo, perto de Chimoio. Também aqui fomos acolhidos muito cordialmente com danças e cantos. Os alunos estavam muito excitados e alegraram-se ao nos verem. Infelizmente foi um pouco difícil de nos comunicarmos-com eles, já que eles ainda não falavam muito bem inglês e nós não tínhamos nenhuma noção do português. Mas como se sabe, gestos dizem muito mais do que palavras. Através de um sorriso no rosto e risadas animadas pode-se semear alegria para os outros.

Os alunos divertem-se ao nosso redor, todos querem que se tire fotos que eles naturalmente também querem ver. Esses aparelhos de alta tecnologia que todos nós possuímos, lá são quase desconhecidos. Depois da grande agitação todos foram às salas de aula. São salas de aula verdadeiras, em uma casa. Pois muitas escolas em Moçambique consistem apenas de um telhado sobre estacas.

Naturalmente não viemos a Moçambique de mãos vazias. Dentro da nossa bagagem, tínhamos pequenas prendas, p.ex. camisolas de equipas de futebol e as cartas que alunos da Escola Integrada de Hungen haviam escrito para os alunos da Escola Uli Seibert. Na sala de aula essas cartas foram repondidas. Nós mesmos tínhamos que escrever as cartas em inglês.

Com os professores da Escola Uli-Seibert, fizemos um passeio ao Lago Chicamba. Era um sítio maravilhoso. Conversámos com diversos professores e também com o director Tendai Zeca Faife. Todos disseram que apreciavam muito a parceria e que por isso se sentiam muito felizes. Ouvimos isso com prazer. Através dessas conversas percebe-se a importância dessa parceria e o que é possível

alcançar com muita paixão e vigor.



Além da Escola Uli Seibert há diversos outros projectos da associação de parceria que visitámos em parte.

Entre outras, estivemos na Escola Secundaria Josina Machel em Gondola, que se parece mais com uma Realschule na Alemanha. Os jovens homens e mulheres nos acolheram com uma dança e cantos em português. Em seguida andámos pela escola que, na altura, era parcialmente uma obra. Lá construíram-se novas salas de aula, salas laboratoriais, uma biblioteca e outros aposentos, em parte com ajuda de nossos donativos. Esses foram inaugurados em 2018.

Em mais uma escola, tratou-se da Escola Primaria em Chanculo parecida com uma escola homóloga na Alemanha, fomos acolhidos pelas crianças. Elas até haviam preparado uma canção em inglês.

Finalmente ainda estivemos em Ressano Garcia, onde, juntamente com Padre Vicente, havia sido construído um ótimo internato. Também aqui fomos acolhidos muito cordialmente. Pudemos conhecer Padre Vicente pessoalmente. Ele é um padre católico de Valência. Veio cedo para Moçambique para missionar, empenha-se pelos direitos da população local e mantém a responsabilidade pelo funcionamento de diversos projectos, para melhorar a educação escolar no país. É uma pessoa que me impressionou muito e que se desempenha um papel importante na parceria das nossas escolas.



Padre Vicente em Ressano Garcia

Em 2016 vim a conhecer de alguns projectos da associação de cooperação em Moçambique. Finalmente podia-se ver, pelo que nós, os alunos da Escola Integrada de Hungen, juntámos dinheiro durante todos esse anos, seja através do bazar de Natal, de patrocinadores, corridas desportivas ou outros eventos, cujos lucros foram investido nos projectos. Faço um apelo, para que se leve esta matéria a sério. É uma parceria maravilhosa que proporciona educação e – com isso – um bom futuro para outras pessoas. Os meios financeiros são algo incrivelmente importante. Tornamos-nos realmente conscientes disso, quando vemos com os próprios olhos, em quê esse dinheiro é investido. Só posso recomendar essa viagem a qualquer pessoa, pois ela será inesquecível. Sinto-me imensamente feliz de ter podido fazer essa viagem. Gostaria muito de vivenciá-la novamente e de viajar a esse maravilhoso país que é Moçambique.



40 anos de cooperação escolar com Moçambique – essa é forte! Espero que também futuramente surjam e sejam concluídos alguns projectos e que a parceria das escolas continue a ser mantida dessa maneira magnífica. Viva os próximos muitos anos!

Foto de Padre Vicente durante a sua visita a Hungen em 1980

Atrás à esquerda Jochen Pfeifer, ao lado Werner Koch, atrás á direita Walter Exler



Sandra Feiertag:

Na lembrança para sempre



Sandra Feiertag
Antiga aluna da Escola
Integrada de Hungen

Já desde que entrei na quinta classe da Escola Integrada de Hungen e soube da cooperação escolar com Moçambique, fiquei numa expectativa alegre durante muitos anos, imaginando que, quando finalmente chegasse à idade certa, poderia participar pessoalmente de uma viagem a Moçambique.

Em 2017 finalmente essa data chegou. Foi uma viagem inesquecível. A possibilidade de intercâmbio com as pessoas de lá e de observar, o que se pode alcançar tudo através do apoio à Associação de Cooperação Escolar realmente me impressionou.

Tivemos encontros maravilhosos com os alunos e os moradores locais, e também o safari no parque nacional e a conclusão dessa “viagem de encontros” em praias maravilhosas sempre ficarão gravados na minha memória.

A viagem mostrou-me, como é importante valorizar também as pequenas coisas na vida, pois nada está garantido. Assim, espero que a parceria escolar perdure por muito tempo e que os alunos continuem tendo a possibilidade de conhecer o belo país e as pessoas tão maravilhosas e amáveis. Um projecto tão fantástico e impressionante deve continuar a ser definitivamente apoiado, e cada um pode dar o seu apoio.

Sandra Feiertag



A Sandra espontaneamente deu os seus sapatos de presente ao jovem Ruis.





Elisa Seibert

Antiga aluna da Escola Integrada de Hungen e sobrinha de Uli Seibert, que deu o seu nome à escola parceira em Moçambique

Elisa Seibert: **Amabilidade e alegria**

A viagem a Moçambique em 2017 foi uma experiência especial com impressões únicas, das quais me recordo com prazer, também 3 anos depois. A experiência de quantas coisas podem ser realizadas no local com os nossos donativos, de como é importante e substancial o nosso apoio, e que assim pode-se efectuar muitas transformações, acompanha-me até hoje.

Mas o que mais me impressionou, foi a amabilidade e a alegria das pessoas, que têm tão pouco e, mesmo assim, dão tanto. As crianças a dançar e a cantar que nos receberam em cada escola, seus sorrisos, sua alegria, que resistem a tudo.

É uma viagem que nos torna gratos, mas que também deixa-nos pensativos em relação às coisas básicas da vida e ao que importa realmente.

Esta parceria escolar é uma coisa muito extraordinária, e fico grata de poder ser parte de um projecto tão importante.

Elisa Seibert



Elisa entrega uma prenda à Beatrice, a mãe do orfanato Casa Catarina



Mosaico representando África na escola profissional de Chimoio



Acolhida cordial e alegre na Escola Uli-Seibert em Bengo

Janina Merz:

“Viagem de encontros” a Moçambique



Janina Merz

Antiga aluna da Escola Integrada de Hungem

Para mim as três semanas da “viagem de encontros” a Moçambique foram uma experiência completamente nova, mas também emocionante que pude vivenciar, e que abriu-me os olhos.

Encara-se uma cultura completamente diferente, que difere da nossa em muitos aspectos. Mesmo que se nas fotos de „viagens de encontro“ passadas expostas na escola se veja só pessoas, e sobretudo crianças, sorridentes, viaja-se para lá com outras expectativas.

Eu imaginava que iria ver muita miséria e pessoas infelizes. Mas muitas vezes isto não foi o caso. Isto foi o que mais me impressionou. As pessoas felizes e sorridentes. Tanto fazia para onde íamos, dançava-se, cantava-se e ria-se, e tudo isso muito descontraidamente. A alegria era contagiante e todos procuravam contacto, uma atitude que eu desconhecia da Alemanha. Brincar com as crianças e tirar retratos nas escolas foi uma experiência

muito bela. Foram justamente estas visitas que me mostraram, como esta parceria é importante para os alunos.

Os inúmeros projectos que visitámos nas escolas, mostraram-me em quê resultaram as doações financeiros, inclusive os do bazar natalino. Os alunos em Moçambique ficaram felizes com as salas de aula, mas também com o material de escrita e outros presentes que trouxemos da Alemanha.

Naturalmente também gostei das excursões ao Parque Nacional de Gorongosa e à feira de arte em Maputo. Para mim, a visita ao caniço de Mafalala foi especialmente prenha. A infra-estrutura de Maputo algumas vezes é melhor, outras pior, mas a Mafalala é um bairro repleto de casas cobertas de chapa ondulada. Isto foi realmente impressionante.

Na minha opinião a nossa parceria escolar tem uma importância muito grande, pois ela não só contribui para fortalecer as relações entre duas culturas/dois países, mas também fortalece relações pessoais e amizades que já existem há decénios. Desta forma, eu pessoalmente acho fantástico que a Escola Integrada de Hungem oferece a possibilidade de podermos participar do projecto e de apoiá-lo. Por isso para mim estava claro que eu iria aproveitar a chance de poder voar para Moçambique juntamente com os outros e assim, desta viagem eu pude levar comigo muitas impressões positivas e, acima de tudo, uma grande porção de experiências novas.

Janina Merz



Lili Kopf:

Viagem a Moçambique de 2019 - Experiência única e impressões



Lili Kopf
Antiga aluna da
Escola Integrada de
Hungen

A nossa viagem começou em 16 de Junho no aeroporto de Frankfurt, com o maior grupo de viagem que tinha havido até então. Éramos 18 pessoas ao todo, Anne Müller, Annika Benner, Eda Travaci, Finn Schmid, Hanna Weihrauch, Jan-Hendrik Engel, Jonathan Tropp, Kaja Lück, Lea Lück, Lili Kopf, Luca Groß, Malik Islamagic, Paul Linkmann, Rebecca Schüttpelz assim como Agathe Venedey-Grenda, Dorothea Fobbe, Etienne Emmert e Karin Bischoff.

Após uma parada de sete horas em Joanesburgo chegámos bem em Maputo, a capital moçambicana. Lá fomos acolhidos por Nelessia, que trabalha no Ministério da Educação em Maputo, e levados ao nosso hotel „Hoyo Hoyo“ por um machibombo do governo.

No próximo dia fizemos uma visita guiada a Mafalala, um caniço de Maputo. A volta ao hotel

foi uma experiência especial e divertida, pois andámos de tuk tuk, um veículo que desconhecíamos. Depois de dois dias já tivemos que abandonar o Hoyo Hoyo em Maputo e viajámos para Chimoio. Voámos num avião muito menor do que os que conhecíamos até então, o que também foi uma experiência nova.

Em Chimoio, que se localiza na província de Manica, passámos a maior parte do tempo da viagem, hospedados na pensão Unykiss. Então éramos acompanhados por Filipe, que prestou uma ajuda inestimável como tradutor.

Visitámos a Escola Uli-Seibert e outras escolas cujas obras eram apoiadas financeiramente pela Escola Integrada de Hungen e pela Associação de Cooperação, que também deram apoio depois do ciclone IDAI. Foi muito edificante, ver como as pessoas ficaram gratas por esta ajuda e que também para elas a nossa visita foi uma experiência muito boa. Além disso visitámos o novo terreno para uma futura escola profissionalizante que recebe o apoio da nossa escola e da Associação de Cooperação. Ademais fomos hóspedes do clube de futebol „Trans Alec“, integrado por crianças órfãs, e jogámos futebol contra elas.

Juntamente com alguns professores das escolas fizemos uma excursão ao lago Chicamba, onde permanecemos uma noite. Depois de uma noite curta parcialmente interessante e mais ou menos agradável fizemos um „Game-Walk“ em dois grupos. Deste modo realmente teríamos tido a oportunidade de observar zebras, antílopes e outros animais. Porém o primeiro grupo chegou a ver “somente” zebras a grande distância e envoltos de neblina. O segundo grupo teve um pouco mais sorte, pois os participantes conseguiram ver uma zebra a curta distância. Mas mesmo que não tenhamos tido tanto sucesso com os animais, pudemos desfrutar desta natureza incrivelmente bela.

No regresso ainda visitámos o orfanato „Casa Katharina“ que também é apoiado por doações da Associação de Cooperação.

Quando voltámos de Chimoio a Maputo pernoitámos uma vez no „Fatima’s Nest“ e de lá fomos para Praia do Tofo.



Em Tofo desfrutámos os últimos dias da viagem. Embora estivéssemos no inverno, pudemos entrar no mar e deitar na areia. Visitámos frequentemente o basar, onde comprámos camisas confeccionadas lá mesmo. Outro destaque foi o nosso safari oceânico, que consistiu em sair ao mar de barco. Aliás teríamos tido a possibilidade de praticar “Waleshark-Snorkeling”, mas também nisto não tivemos sucesso. Ainda assim foi uma experiência bela e excitante e divertimo-nos bastante.

A viagem de volta a Maputo transcorreu um pouco diferente do que havíamos planejado, e também durou mais tempo do que de costume. Depois de cerca de três horas de viagem o autocarro começou a fumejar e tivemos que parar. Durou uma eternidade, até que outro machibombo chegasse. Com um aparelho de som numa espécie de quiosque ouvimos música alemã e tirámos o maior proveito possível da situação.

Aprendemos muitas coisas e colecionámos muitas experiências e impressões novas que ninguém poderá nos tomar. Foi bom poder ver, qual é o objectivo das doações que a nossa escola recolhe todos os anos, ver como ela se empenha e como é grande o apoio prestado às pessoas desta forma. Com grande certeza todos nós aprendemos de facto muitas coisas e estamos felizes de termos feito esta viagem, embora provavelmente tenha durado algum tempo até que estivéssemos novamente em condições de vermos, comermos ou cheirarmos frango, batatas fritas, arroz e salada de repolho.

Muito obrigada à nossa escola e a todos os responsáveis que tornaram possível a vivência e as experiências dessa viagem.



Jonathan Tropp: Viagem a Moçambique de 2019 – incrível alegria de viver



A jornada de encontro com destino a Moçambique deveria principiar em 16/06/2019. Demasiado cedo, 14 alunos e quatro professores e antigos professores reuniram-se no aeroporto de Frankfurt para, tensos e cheios de alegre expectativa, embarcarem na aeronave que deveria levá-los a Joanesburgo. Contudo, uma parte do grupo mostrava um certo cepticismo devido aos possíveis efeitos do ciclone devastador IDAI, que atingira Moçambique havia alguns meses. Foi um pensamento que certamente ainda estava em muitas cabeças nesse momento, mas que no decorrer do tempo se mostraria completamente destituído de fundamento. Tanto a

reprogramação a curto prazo, quanto o contacto com as pessoas no local estavam **perfeitamente organizados e funcionavam sem problemas.**

Depois da nossa chegada a Maputo, levaram-nos ao hotel „Hoyo Hoyo”. Um nome que não se esquecia no grupo e que sempre provocava risos. No entanto, os quartos não deixavam nada a desejar. Na realidade o Hoyo Hoyo é um hotel de absoluto alto nível em comparação com outros da cidade. No entanto, nos quartos há lugar apenas para duas camas menores e no duche cabe-se só em distorcendo o próprio corpo. Pelo menos lá havia um televisor com o programa moçambicano. As primeiras horas em Maputo foram caracterizadas por uma infinidade de novas impressões que, em parte e para começar, tinham que ser “digeridas” no fim do dia.

Durante a ida do aeroporto ao hotel não pude observar praticamente nada que pudesse ser aproximadamente comparado com a vida pública na Alemanha. Ainda lembro-bem o meu desejo de que o percurso nunca terminasse. No bairro da Mafalala fizemos uma visita que não constava no nosso programa à nossa primeira escola. Assim, tivemos pela primeira vez a oportunidade de admirar a visão da vida das crianças. De maneira geral, foi este o primeiro contacto com aquela maneira de viver autêntica, que não costumamos vivenciar aqui na Alemanha. Trata-se de uma imagem que nos acompanhou na nossa viagem e que revelar-se-ia muito mais intensamente depois do voo doméstico de Maputo a Chimoio. Primeiramente suprimo-nos com alimentos num supermercado de Chimoio, o que provou-se ser imprescindível, por ter sido este o único supermercado que visitámos (penso que, no total, 3 vezes) e que era o único supermercado existente em Chimoio e imediações (com um total de mais do que 300.000 de habitantes). E, além disso, é certo que a comida era satisfatória, mas, bom, um pouco monótona (quase todos os dias servia-se frango com arroz ou batatas fritas). O padrão do hotel em que estávamos hospedados, se comparado com outros nos arredores em que se situava, era bom demais. Por isto, quando olhávamos para fora da janela, podíamos ficar efectivamente com má consciência. No entanto o grupo sentiu-se aliviado ao verificar as condições em que se encontravam os quartos, e tive a impressão que a motivação para o resto da viagem havia aumentado consideravelmente.

Nos dias que se seguiram visitámos diversas escolas e pudemos conhecer melhor a província de Manica. Os encontros nas escolas pareciam-se uns com os outros, mas era sempre marcante a presença das crianças felizes e dos professores imensamente gratos, sentimentos estes que se transferiam a nós próprios.

Certamente um dos pontos altos da viagem foi a visita do lago Chicamba que teve a participação de um grupo moçambicano e de um grupo alemão. No contexto dos diversos tópicos do programa, aqui também houve a oportunidade de um intercâmbio com professores, ao mesmo tempo que se assistia a Taça das Nações Africanas (futebol) na televisão. Tudo isto aconteceu num fantástico Lodge com o lago nos bastidores e animais exóticos (macacos, crocodilos, zebras). A corrida-safari, que se iniciava já às 6:30 horas para um parte do grupo, ficará na nossa memória para sempre devido ao ambiente muito especial, mesmo

que a própria corrida não tenha sido realmente coroada de êxito. À beira do lago fizemos a experiência de que conductores de machibombo moçambicanos não se preocupam muito em trancar o veículo ou mesmo de levarem as chaves consigo, facto este que propiciou certos alunos. Infelizmente não é oportuno referir-se mais profundamente a este assunto.

Os dias que restavam até partirmos para a praia não se pareciam com os que precederam a ida ao lago, mas cada um deles tinha aspectos individuais e especiais. Por exemplo perdemos amargamente o jogo de futebol contra o clube de futebol Trans Alec por 0:1. Porém foi um pouco esquisito que o segundo tempo do jogo durou quase três vezes mais do que o primeiro, e que o jogo foi encerrado pelo juiz imediatamente depois do golo do adversário. Mesmo assim, não tivemos nenhuma chance. Além disso pudemos visitar uma aula moçambicana, o que foi muito interessante. A estrutura básica dessas aulas não parece ser muito diferente da que conhecemos na Alemanha, mas os grupos de aprendizagem moçambicanos tem um número bem maior de alunos.

Quando tivemos uma avaria no nosso autocarro num local ermo, após uma longa espera, o veículo foi consertado. Então a Sra.Venedey disse: “Onde quer que se esteja em Moçambique, sempre dá tudo certo, só que às vezes dura um bocadinho”. Outro exemplo é o de dois amigos africanos que nosso grupo conheceu lá na cidade. Um dia mais tarde, quando não tínhamos nada que fazer perguntámos uma pessoa que encontrámos casualmente na rua pelos nossos novos amigos. Só conhecíamos os nomes e tínhamos uma foto mal feita de um deles. O indivíduo na rua havia passado por nós quase sem falar, mas dez minutos depois os dois amigos se encontravam à nossa frente. E isto num districto com 300.000 habitantes. O comentário da Sra. Venedey gravou-se na minha cabeça, porque revela exactamente o que eu sentia por Moçambique naquela altura.

Passámos os últimos três dias na praia de Tofo. Não precisamos perder muitas palavras sobre estes momentos geniais, até ao facto de também o segundo safari da viagem ter sido mais ou menos um fracasso e o desejo de observar um tubarão baleia não ter se tornado realidade.

Na volta de Tofo para Maputo o machibombo perdeu a vontade e nos abandonou. Felizmente, no meio do nada onde parámos encontrava-se uma mesa de bilhar coberta. Assim pudemos jogar bilhar e ouvir música durante as cinco horas de espera até a chegada do novo autocarro. Memo que pareça estranho: são sobretudo as crianças que em Moçambique demonstram uma incrível alegria de viver e sensibilidade, e é muito divertido ocupar-se com elas. Em geral as pessoas mostram muita gratidão e são muito francas. Um aspecto que me impressionou muito, foi o elevado grau de actividade, e que nas ruas sempre há muito movimento. Também a organização da viagem funcionou perfeitamente, o que eu não esperava que acontecesse tão amareantemente em Moçambique. De modo geral a viagem com este grupo foi incrivelmente valiosa e alegre. Fico muito agradecido.

Jonathan Tropp







2011 – Aniversário, com o neto Janos e um presente de Aga Venedey

Moçambique na vivência de Walter – Uma retrospectiva

Aconteceu um dia em 1979, no final das férias de verão. Voltávamos de uma bela estadia de férias na ilha de Møn, na Dinamarca. As crianças estavam a dormir no carro, e eu também estava ficando cansado. Mas ainda tínhamos que andar 250 km. Para ficar acordado, liguei o rádio. Inge e eu escutávamos um programa alemão. Um grupo de professores de Lennestadt (no Land da Renânia do Norte-Vestefália) fazia um relato de uma viagem para visitarem as obras de uma escola parceira nova em N`konedzi, na província de Tête em Moçambique (em inglês escreve-se “Mozambik”, em alemão “Mosambik”). O projecto havia chamado a minha atenção, mas o esqueci quando as aulas reiniciaram. Porém mais tarde um artigo de jornal na publicação ecuménica “Publik-Forum” em Outubro de 1979 fez com que eu recordasse a minha curiosidade do verão.

Então entrei em contacto com o colega Jochen Pfeiffer e o convidei a vir à casa paroquial de Hungen para fazer uma palestra no âmbito da educação para adultos da igreja católica. Muito embora eu, como reitor e responsável pelas classes 5 e 6, fizesse parte da directoria da escola, teria sido bastante difícil impor um evento escolar para tratar deste tema. Pois Moçambique pertencia ao assim chamado “campo socialista”, sendo que, infelizmente, o país foi “impelido” para lá, por não ter assinado a “Cláusula de Berlim”, (que considerava Berlim Oeste como pertencente à Alemanha Ocidental, a que a Alemanha Oriental se opunha). A propaganda anticomunista afirmava repetidamente que em Moçambique havia perseguições de igrejas e de cristãos. Eu havia convidado alguns colegas para este discurso em Janeiro de 1980, entre elas uma pessoa muito importante: Dorothea Fobbe. Ela tinha vivido grande parte da sua infância em Venda, na África do Sul, um assim chamado bantustão (tratava-se de uma região de permanência para a população na época do Apartheid), e estava marcada com isto. O pai dela havia sido missionário no local. Dorothea é uma activista com uma sensibilidade especial, mas realista, com relação a África. Ainda hoje Dorothea é presidenta de honra da nossa associação.

Depois da palestra concordámos em apoiar os visitantes no seu trabalho, o que também comunicamos à imprensa. O director não ficou nada feliz com isto, pois receava que iriam acusar a sua escola e ele próprio de cooperar com um país “comunista”, o que de facto aconteceu.

Naquela época havia muitas discussões sobre a forma de abordar educação cívica nas escolas. Basta mostrar a desgraça no mundo e identificar os principais responsáveis ou possíveis responsáveis por isso, ou não seria melhor tentar resolver as questões com uma ajuda solidária sem que com isso se deixe nos alunos um sentimento de frustração e impotência?

Não seria melhor transmitir – lhes e a todos que participam do processo de educação um sentimento de se está a realizar algo positivo? E de talvez a tornar o mundo um bocadinho melhor. Este conceito foi logo adoptado pela comunidade escolar inteira e nós tínhamos cartas na manga contra todas as espécies de campanhas difamatórias, afirmando que apoiávamos os comunistas em África.

Padre Vicente Berenguer Llopes foi o iniciador da ideia de que parcerias escolares entre escolas de países ricos e de assim-chamados países pobres “em desenvolvimento”, como se dizia, poderiam gerar compreensão e progresso. Ele é um padre católico de Valência, que havia ido a Moçambique em 1967 como jovem, quando a capital ainda chamava-se Lourenço Marques (nome de um comerciante português). Naquele tempo Moçambique ainda era uma colónia dos portugueses, enquanto em todas as partes de África os países europeus haviam renunciado às suas colónias.

Oficialmente Moçambique e Angola não levavam o nome „colónia”, mas eram chamadas de “províncias ultramarinas”. Em Lourenço Marques existiam dois bairros: a cidade de cimento dos brancos e na periferia o caniço (bairro de lata) dos pobres. Padre Vicente aprendeu línguas dos habitantes indígenas, assumiu uma paróquia no norte do país, vivenciou a miséria e a educação deficiente das pessoas e a injustiça da igreja colonial portuguesa. Somente crianças batizadas podiam frequentar uma escola que estava sob a supervisão desta igreja. Portanto, através do batismo católico era possível conseguir acesso à educação escolar e à língua do país que exercia a supremacia. Desta maneira, a administração colonial desejava criar uma classe média negra fiel a Portugal. O pequeno grupo de pessoas negras batizadas era denominada de “assimilados”. Mas estas pessoas também não podiam morar na cidade de cimento de Lourenço Marques e eram obrigadas a viver em barracas situadas fora daquela área. O que determinava o lugar de domicílio não era o sentimento de irmandade cristã, mas como de hábito a cor da pele. Padre Vicente considerava, e com os seus 82 anos considera até hoje, que não se pode comprar a fé, mas que ela deve estar baseada na convicção sincera de cada pessoa.

No império colonial de Portugal como país membro da NATO, a situação começava a se conturbar, e isto também na “província ultramarina” de Moçambique. A resistência armada por parte da população iniciou-se nas regiões do norte do país e na Tanzânia.

A reacção brutal do exército colonial e da temida polícia secreta PIDE aconteceu prontamente. Quando a população de uma aldeia da paróquia de Padre Vicente foi massacrada pelo exército português por alegadamente terem escondido rebeldes, Padre Vicente e amigos seus deram testemunho do massacre em Londres. Então Vicente foi expulso do país pela administração colonial. Mas ele sentia-se profundamente ligado ao país e às suas gentes, levando-os a sério nos seus direitos e não queria abandoná-los de maneira alguma. Então, bem logo ele viajou à Tanzânia, juntando-se aos moçambicanos que lutavam pela libertação do jugo colonial.



Foto tirada na fase final da luta pela libertação. No final das contas esta luta não foi decidida pelos revoltosos, mas pelo próprio exército português, através da Revolução dos Cravos em 25 de Abril de 1974.

Depois da independência de Moçambique em 25 de Junho de 1975, Padre Vicente retornou à Província de Tete. Muitos portugueses tinham abandonado o país, e com eles um número considerável de membros da polícia secreta PIDE (Polícia internacional e de Defesa do Estado). – Antes de 1945 a predecessora desta organização havia sido equipada pela Gestapo (polícia secreta nazista). – Também não foram poucos os assimilados que haviam feito o próprio destino depender dos colonos portugueses, juntando-se a estes e mudando-se para Portugal, ou à África do Sul ou à Rodésia dos brancos, e dessa maneira voltando as costas ao seu país natal. A assistência médica era catastrófica e as poucas escolas ficaram sem professores. O número de analfabetos no país compreendia cerca de 95% da população. Dessa maneira, como seria possível construir um Estado capaz de funcionar?

A vitoriosa FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique) fez um apelo de ajuda ao estrangeiro. Quem é que veio? Em geral vieram os assim chamados países socialistas, mas também a Escandinávia e a Holanda. A República Democrática da Alemanha (RDA) estava bem representada. Mas também comunistas convictos de Portugal, que haviam sido perseguidos pela ditadura de Salazar, vieram a Moçambique. Foi uma multidão caótica de trabalhadores humanitários que geralmente traziam boa vontade, mas cuja forma de trabalhar em conjunto era um tanto confusa. A estes naturalmente também se juntaram os conselheiros militares da União Soviética, da RDA e de Cuba, que exerciam uma influência política pouco confiável. Os que trabalharam de forma mais efectiva foram médicos de Cuba e professores e professoras do Brasil.

O português continuou sendo a língua oficial, que só poucos moçambicanos entendiam. Ainda hoje, dois quintos da população moçambicana não fala português. Na FRELIMO as forças marxistas se impunham de modo crescente. As escolas da igreja católica, que em sua maioria havia pactuado com o regime colonial, foram transformadas em escolas estatais e diversas igrejas tornaram-se sedes da FRELIMO. Depois do catolicismo estatal de Portugal, reinava o marxismo abafante da FRELIMO, que destruiu muitas estruturas pré-coloniais sem criar um número suficiente de estruturas novas. Mas houve contradições, como também pode-se ver na história de Padre Vicente Berenguer.

Quando retornou à Província de Tete, ele não só começou a pregar as palavras de Jesus e a celebrar a Santa Missa, mas também tentou construir uma escola de formação profissional. Diversos funcionários

da FRELIMO haviam entendido pouco, ou nada, do seu movimento de libertação. Queriam impor a força a sua ideologia, isso tanto mais devido a assaltos e acções de sabotagem na fronteira da Rodésia “branca” de Jan Smith (1970 -1979), possivelmente executados por assimilados negros que haviam se refugiado naquele país, que na altura procurava separar-se da Grã-Bretanha. Já durante a época colonial portuguesa existia uma estreita ligação com os países vizinhos África do Sul e Rodésia, antiga colónia britânica.

Após a independência de Moçambique as camadas poderosas da sociedade dos brancos nos dois países fizeram tudo para desestabilizar o país governado pelos negros moçambicanos. A FRELIMO necessitava de soldados e tentou levar ao seu exército o maior número possível de homens jovens disponíveis.

Então Padre Vicente referiu-se às leis do país e rejeitou a libertação de seus alunos menores de idade aos funcionários da FRELIMO. Devido a isto ele foi detido e encarcerado numa das prisões da FRELIMO em Maputo. Vicente deveria ser expulso de Moçambique pela segunda vez. Dessa vez pela FRELIMO que era o partido governamental. Quando o presidente Machel soube do caso, Vicente foi imediatamente libertado. Por sua vez, o próprio funcionário responsável pela prisão de Vicente foi encarcerado.

No Ministério da Educação Vicente recebeu do presidente a incumbência de realizar a “produção de escolas” no país. Como seria possível construir escolas em um país que acaba de tornar-se independente e com uma quota de 92 a 95 por cento de analfabetos, se praticamente todas as estruturas coloniais haviam entrado em colapso e ainda não foi possível construir novas?

Instituições de caridade estrangeiras deveriam tornar-se parceiros. Estas ofereciam auxílio, mas também ideologias. Muitas vezes utilizava-se alunos que tinham acabado de terminar com sucesso o seu próprio curso de alfabetização como professores, ou adultos que, no máximo, tinham uma formação de escola primária.

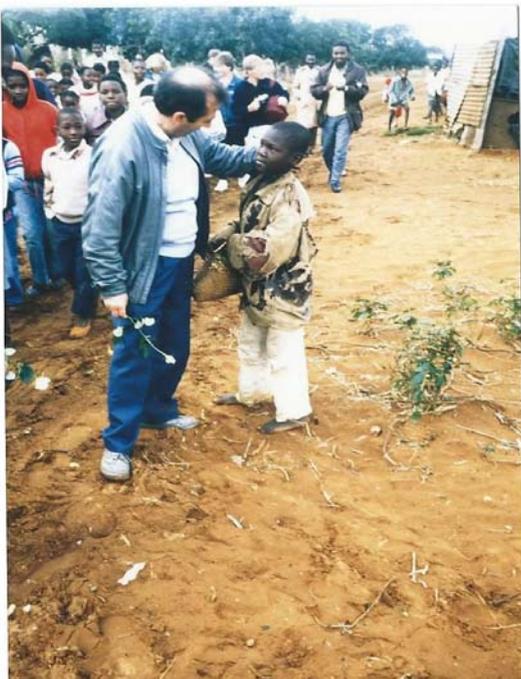
Nas cidades eram requisitadas Igrejas para servirem de salas de aula. Para poder leccionar no campo era necessário recorrer a árvores que pudessem dar sombra. As pessoas a que se havia recusado qualquer educação escolar na época colonial, também queriam participar dos direitos de cidadania que foram nos concedidos no fim do século 19. Como seria possível por em prática esses direitos civis num país que se tornou um dos países em desenvolvimento mais pobres do mundo?

Vicente procurou ajuda na Europa e confiava na imparcialidade, sinceridade e espontaneidade de crianças e jovens. Parcerias entre escolas num país industrializado rico e escolas num país em desenvolvimento não seriam uma boa possibilidade de preparar o caminho para um mundo mais igual, fundamentalmente necessário no movimento ecumênico?

Como havia sucedido três anos antes em Lennestadt, em Hungen a sua idéia também foi acolhida favoravelmente. Juntamente com o pessoal de Lennestadt, com o qual realizámos muitos outros projectos em Moçambique no decorrer dos anos, apoiámos a expansão da escola para órfãos em N`konedzi na fronteira com o Malawi. Muitas outras escolas na República Federal da Alemanha aderiram à iniciativa. Mas só poucas mantiveram a perseverança como nós em Lennestadt e Hungen.

Enquanto o pessoal de Lennestadt ganhava o seu primeiro dinheiro com a colectas de papel, em

Hungen recolhia-se vestimentas usadas. Assim aconteceu que, com a autorização das autoridades, no verão de 1980 organizámos a primeira venda de trajes usados numa praça de Giessen. Com grande sucesso. Tinham-se juntado os primeiros 1000 marcos. É claro que também houve mal-entendidos, como na maioria destas acções. “Esse pessoal está a colectar roupas para os pobres negros, e depois vende esses trajes” era o tipo de comentário que então se ouvia. Porém, em todos os folhetos promocionais concebidos com carinho pelos nossos alunos podia-se ler o sentido e o objectivo das colectas e vendas de vestuário usado. Também uma segunda venda de trajes autorizada pelas entidades na zona pedestre de Giessen encheu a caixa do projecto. À margem da lei, contentores com roupas usadas declaradas como material de enchimento foram enviados a Moçambique carregados de material escolar. Quando os contentores foram descarregados em Laulane (um bairro de Maputo), pude experienciar novamente a solidariedade prática de Padre Vicente com a população moçambicana. Ele rejeitou as doações de vestuário destinadas à sua paróquia em Malhangalene. Estas roupas foram redestinadas a refugiados muito mais pobres do interior do país que haviam sido expulsos pela Renamo. Ele quiz guardar para a sua paróquia só as embalagens: eram caixotes de plástico fecháveis que recebemos de uma firma de Hungen.



P. Vicente com um menino que tinha fugido do recrutamento pelos bandos da Renamo (durante a minha visita em 1987)

Padre Vicente Berenguer Llopes viveu e trabalhou em Moçambique até o seu 80º aniversário em Julho de 2017. O seu “jubileu moçambicano de ouro”, – após, no ano de 1967 – ter desembracado em Lourenço Marques, que desde 1972 chama-se Maputo – ele festejou o seu aniversário em Moçambique. Hoje vive na sua cidade natal perto de Valência.

A data de inauguração da construção ampliada da escola secundária de Gondola, Província de Manica, estava marcada para Janeiro de 2017. É a 12ª escola em que o pessoal de Hungen está envolvido ou que é por ela apoiada em iniciativa própria com parceiros moçambicanos e o Ministério de Cooperação Económica e Desenvolvimento da Alemanha. Dez escolas primárias com as classes 1 a 7 e duas escolas secundárias. Nosso amigo Celestino Zondane deveria representar a nossa

escola na inauguração da Escola Secundária Geral Josina Machel em Gondola. Mas a escola ainda não estava pronta, os aposentos encontravam-se inacabados e o mobiliário faltava.

Infelizmente até hoje muitas coisas em Moçambique nem sempre funcionam da forma desejada por nós, e às vezes também não correspondem aos desejos e às expectativas de muitos moçambicanos. Esperávamos pelo verão, correspondente ao inverno moçambicano, quando novamente um grupo de alunos viajou à Moçambique com a presidenta da associação Dr. Agathe Venedey-Grenda,. Dorothea Fobbe e Nelessia Cossa do Ministério da Educação em Maputo juntaram-se ao grupo, e finalmente foi possível inaugurar o projecto. A escola secundária leva o nome de Josina Machel, que foi primeira esposa do presidente Machel. Padre Vicente tinha aprendido a apreciá-la no exílio na Tansânia.



Walter Exler com Celestino Zondane no bazar de Natal da Escola Integrada em 2018

Na lista das escolas e projectos moçambicanos activamente apoiados pela Associação de Cooperação com Moçambique da Escola Integrada de Hungen, a Escola Uli-Seibert parece ser apenas uma entre muitas. Porém ela foi e continua a ser o projecto decisivo que fundamentou e enraizou em Hungen o empenho de mais de quatro gerações de alunos por crianças em Moçambique: Escola Uli Seibert.

Em 1992 queríamos lançar a pedra fundamental para uma escola primária. Esta deveria tornar-se a nossa escola parceira. **Ulrike** Seibert, também conhecida por **Uli**, porta-vóz da escola, que ajudou a organizar nosso trabalho de parceria desde que frequentava o 5º ano escolar, queria participar da viagem. Ela se propunha a presentear os órfãos de Moçambique com um ano de sua vida depois de terminar o ginásio. Um ano de trabalho social voluntário em Moçambique. Ela morreu com 19 anos, em 6 de Julho de 1991, devido a um acidente de moto perto de Hungen. Em pensamento e no coração os participantes da viagem levaram a Ulrike junta com eles para Bengo e no dia 1º de Abril lá depositaram a pedra fundamental da escola que leva o nome dela. A primeira directora, Gina Tomé, escreveu que sentia muita gratidão por poder leccionar “as muitas flores da Uli Seibert, que lá florescem e não murcham”. Depois Escola Uli Seibert foi ampliada, tornando-se uma escola secundária onde cerca de 600 “flores da Uli Seibert” recebem a sua formação básica. Numa composição na aula de religião Ulrike Seibert havia escrito „eu gostaria de um bocadinho de imortalidade para mim!“. Esperamos, que este “bocadinho de imortalidade” persista ainda por muito tempo na Escola Integrada de Hungen, na cidade de Hungen e em Moçambique.

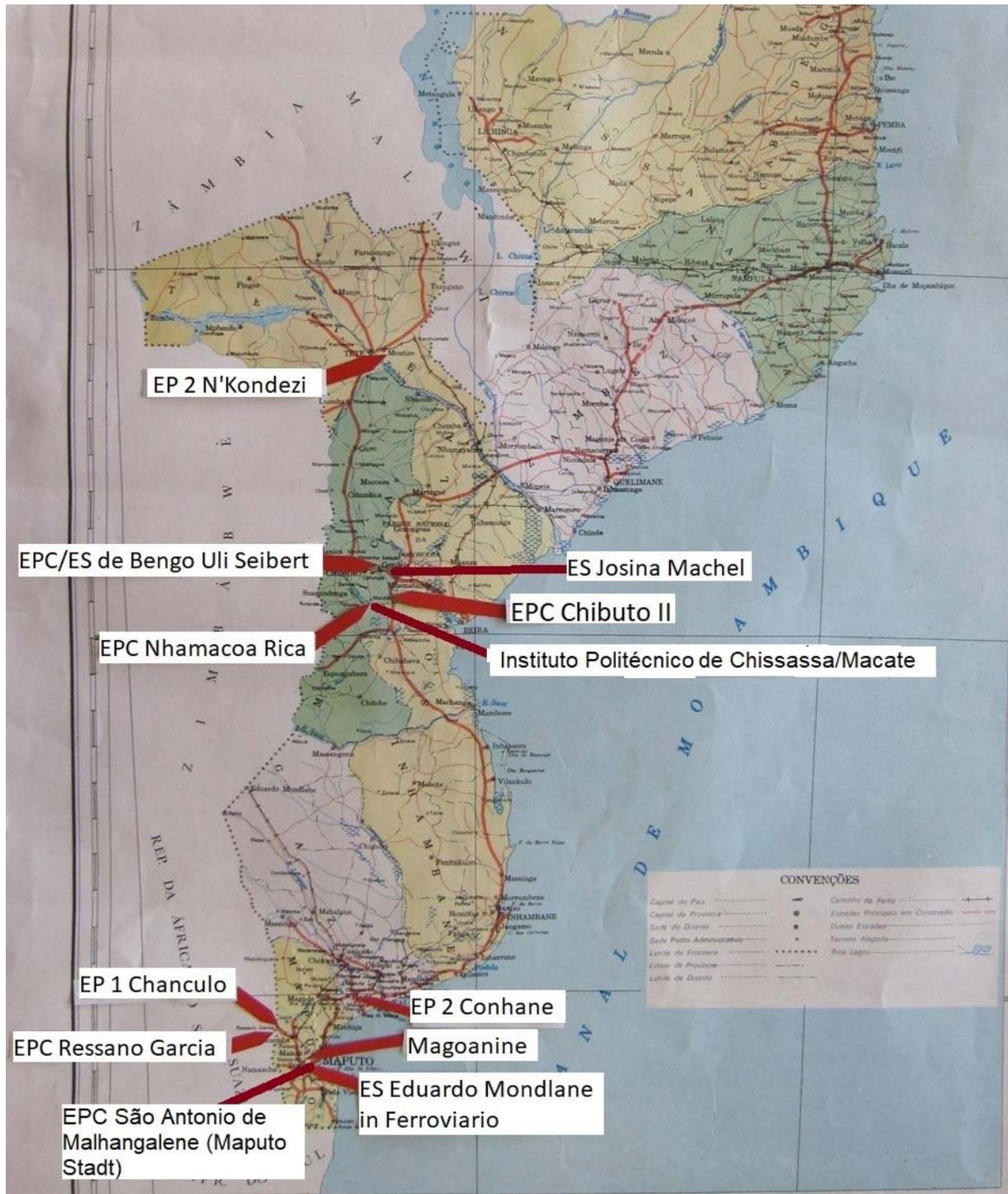


Os projectos de construção de escolas da Escola Integrada de Hungem desde 1980

01. Escola Primária N`konedzi (Província de Tete) 1980 - 1982
02. Escola Primária Laulane (Ferroviário) (Cidade de Maputo) 1989 - 1990
03. Escola Primária São Antonio de Malhangalene (Cidade de Maputo)
04. Escola Primária Gondola Bengo Escola Uli-Seibert (Manica), hoje escola secundária, 1992 -1993
05. Escola Secundária Eduardo Mondlane (Cidade de Maputo)
06. Escola Primária Magoanine (Cidade de Maputo Maxaquene B) 2001
07. Escola Primária Conhane (Província de Gaza, Distrito de Chokwe) 2001
08. Escola Primária Ressano Garcia (Província de Maputo) 2005
09. Escola Primária Chanculo (Província de Maputo) 2008
10. Escola Primária Nhamacoa Rica perto de Macate (Província de Manica) 2010 - 2012
11. Escola Primária Chibuto 2 (Província de Manica) 2012 - 2014
12. Escola Secundária Geral Josina Machel em Gondola (Província de Manica) 2015 - 2017

Como projecto novo fomentamos a construção de uma escola profissionalizante para as disciplinas engenharia civil, marcenaria/carpintaria, agricultura e informática em Macate (2018 – 2020).

Nos últimos projectos recebemos um auxílio considerável do Ministério de Cooperação Económica e Desenvolvimento da Alemanha e uma apoio financeiro maciço da Fundação ALTERNAID para pessoas necessitadas.





Padre Vicente Berenguer Llopes

Vosso calor está presente em cada pedra dessa escola

Difícil en unas líneas expresar tantos sentimientos vividos con nuestros amigos de la Escuela de Hungen, tanto en Mozambique como en Alemania.....

Hará 40 años celebrando la Eucaristía en el Lar de trabajadoras de las Hermanas Salesianas en Maputo ... allí nos encontramos, yo muy admirado, con Joachim Pfeiffer, Walter Exler y Wolki (?)" será cierto que este sea sacerdote y trabaje en el Ministerio de Educación de la República Popular de Mozambique?" ...y mehicieron fotografías celebrando la Eucaristía!!! Así empezó la historia con Hungen, através de Exler!!!

Y empearon visitas a la Escuela y visitas de la Escuela a Mozambique!!!

Emocionante mi primera visita a la Escuela...Un auténtico festival en el salón de actos...Mozambique estaba presente en el corazón de todos aquellos alumnos y profesores.....En el patio de la escuela se dibujó un enorme mapa mundi y allí dentro Mozambique....

Visita del grupo Exler, Eduard Steiner...todo el grupo de Hungen...misa ecuménica con el Pastor Steiner tanto en la Parroquia S. António de Malhangalene como en la capilla Evangélica del mismo barrio.....

Y descargar los tres contenedores enviados desde las escuelas de Hungen e lennestadt....descargando el material con lapresencia de la Ministro Graça Machel...una gozada!!!

La misma alegría que yo sentía en la celebración ecuménica en la parroquia del Pastor Stweinar...gozar de la unión de hermanos a favor de otros hermanos más desfavorecidos...hermandad y armonía....

La visita de alumnos y profesores...Dorotea...a Ressano Garcia...a la aldea de Chankulo...donde juraron con las manos negras y manos blancas sobre un libro de historia la construcción de una escuela primaria en la aldea.....

Y pasó lo acordado y llegó de nuevo el grupo de Hungen a ianagurar la escuela!!!...cuanta alegría de ambas partes...una FIESTA!!!

Y nuevas visitas a Hungen y a Mozambique.....Y enaquellasobras que dejaron....Laulane, Matendene, Eduardo Mondlane, Kurhula, Chankulo, 4 de Outubro...y Centros Infantiles....Esas paredes están cargadas de alegrías y vivencias de dos pueblos de dos escuelas....pintado en blanco y negro....

Inolvidables las comidas y cenas en Malhangalene...Ferroviario...Ressano Garcia.....Nos recibían con alegría y recibíamos con alegría....

Materialmente fuisteis una importante ayuda para tantos millares de alumnos que pudieron estudiar sentados en un pupitre y bajo techo!!!

Pero quizás más importante fue la cercanía que se creó, los muros que cayeron, lo mucho que todos aprendimos...de solidaridad, ayuda mútua, hermandad universal.....

En cada ladrillo de todas estas escuelas y centros infantiles está presente vuestro calor, vuestra fuerza y vuestra entrega....

Y quedan en nuestras mentes las canciones en alemán y en Ronga/Changana....nuestras comidas tradicionales, con cantos y danzas, nuestro mútuos regalos....y nuestras danzas sin parar...

Gracias Escuela de Hunguen....

Gracias Walter Exler que con tu visita aMaputo...abriste esta história

Vicente Berenguer Llopes



A primeira visita de **Padre Vicente Berenguer** aconteceu num dia frio de inverno em Dezembro de 1980 na antiga aula magna (hoje biblioteca) da Escola Integrada de Hungen. O grupo de viagem da Escola Anne-Frank, provindo de Lennestadt e a caminho do aeroporto de Frankfurt, fez uma breve parada em Hungen no final da tarde.

Cerca de 50 alunos e alunas que estavam sob os cuidados da professora conselheira Karin Hermes, puderam comer uma refeição quente na cantina da escola enquanto esperavam pacientemente pelo encontro. Uma foto publicada nos jornais de Giessen e no livro de memórias „el árbol de los secretos – el viaje al aniversario de Vicente Berenguer“ documenta este encontro histórico realizado há 40 anos.

Walter Exler



Padre Vicente Berenguer Llopes

Padre missionário espanhol em Moçambique e iniciador das parcerias escolares entre a Alemanha e Moçambique

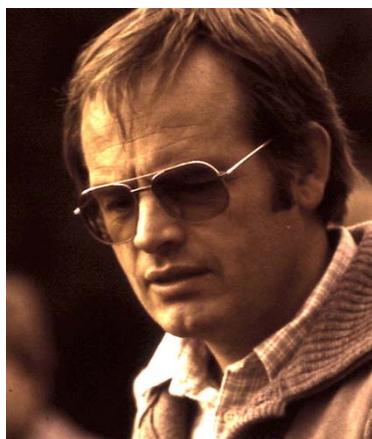


No ano 2012 o padre Vicente foi nomeado cidadão honorário da Província Valência em reconhecimento pelo seu trabalho humanitário.



Walter Exler sobre:

Carlos Jambo Sobrevivente do acidente aéreo



Walter Exler

Reformado e antigo director das classes de incentivo da Escola Integrada de Hungen

Inciador da parceria escolar com Moçambique e director de honra da Associação de Cooperação com Moçambique

Até inícios de 1990 a imagem da África do Sul caracterizava-se pela dominância de uma minoria de brancos. Denominava-se a Política do Apartheid. Em 1987 veio a Hungen o operador de câmara e fotógrafo Carlos Jambo, que ficou mais de quatro meses hospedado com a nossa família. Para as alunas e os alunos da Escola Integrada de Hungen e da Escola Theodor Heuss em Laubach ele foi um encontro com um outro mundo. Por exemplo, os alunos da quarta série perguntaram-lhe repetidamente acerca do número de irmãos que ele teria, porque não conseguiam acreditar nas respostas dele. Carlos tinha 43 irmãos. O pai era um chefe de tribo e tinha no mínimo três esposas legais. Carlos era originário da província de Tete, no norte de Moçambique, onde também se encontrava a primeira escola que apoiávamos: N'konedzi. Carlos Jambo, nascido em 1954, havia frequentado uma escola profissionalizante nesta província durante a época colonial, que havia sido projectada por Padre Vicente.

Em 19 de Outubro de 1986, gravemente ferido, Carlos sobreviveu uma queda de avião nas Montanhas Lebombo na África do Sul. Ele encontrava-se na parte traseira da aeronave com outros 8 sobreviventes, 24 pessoas morreram no local do acidente, entre eles o presidente moçambicano Samora Machel. Como operador de câmara da Televisão Moçambicana e fotógrafo do governo,

Carlos havia acompanhado o presidente a diversos países, como a União Soviética, os EUA, a Grã-Bretanha, e a República Democrática da Alemanha. O acidente do Tu 134 em 1986 nunca ficou completamente esclarecida. Muito provavelmente o aparelho foi falsamente direccionado àquela região montanhosa por sinais de rádio provindos do país do Apartheid África do Sul, o que provocou a catástrofe. O presidente Machel, muito popular em Moçambique, que tinha auxiliado adversários do Apartheid a partir de Moçambique, havia se tornado o adversário nº 1 do regime racista da África do Sul. A jornalista e autora de livros de Lich Dorothea Contessa Razumovsky (1935 -2014) que trabalhou por longos anos na África do Sul, aderiu à opinião da maioria de que o avião fora colocado naquela situação fatal pelos círculos militares do antigo estado do Apartheid. A Sra Razumovsky também havia pesquisado conosco sobre Carlos e o acidente aéreo. Para Carlos o desastre de avião também significou o fim da sua carreira profissional. Ele não conseguia mais levantar o seu braço direito para operar a câmara. Num estado de profunda depressão ele dirigiu-se a Padre Vicente com um apelo de ajuda. O seu grito por socorro chegou também até nós em Hungen e, por intermédio do meu irmão Heinz, conseguimos obter uma vaga para o tratamento dele na clínica universitária de Giessen. Isto ainda foi possível antes da privatização do complexo hospitalar. O ministro responsável Krollmann havia dado a sua aprovação. Felizmente não foi necessária uma maior permanência nas clínicas de Giessen. A Balneoterapia em Bad Nauheim fez com que Carlos sarasse. Assim ele ficou feliz, e nós também.

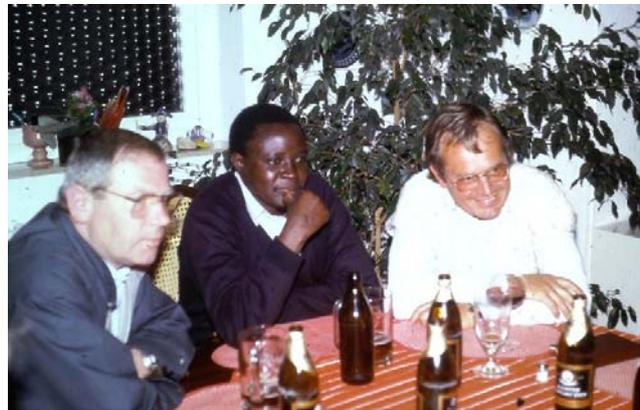


Por ocasião da minha primeira visita a Moçambique no verão de 1987 o grupo de viagem, dirigido por Jochen Pfeiffer, foi acolhido no aeroporto de Maputo com danças e cantos. Para mim um mundo completamente diferente. Carlos filmou a acolhida, e a “arte” dos médicos alemães era tema de conversas em Maputo. Isto também alimentou as esperanças de outras pessoas enfermas, que dificilmente podíamos satisfazer. Infelizmente também Carlos não podia voltar novamente à sua antiga profissão. O novo governo de Chissiano tinha os seus próprios operadores de câmara. Carlos tentou a sua sorte primeiro com uma loja de productos para fotografia em Maputo, depois tentou criar porcos perto do mar (na Costa do Sol) numa antiga fazenda portuguesa dos arredores de Maputo. Mas também isto não deu certo. Os porcos morreram infectados com uma enfermidade pandémica. Mais tarde ele instalou um restaurante com um estabelecimento.

Porém ele e a sua estadia na nossa família ficam inesquecíveis.



Carlos Jambo e o director Günter Grull em Hungen



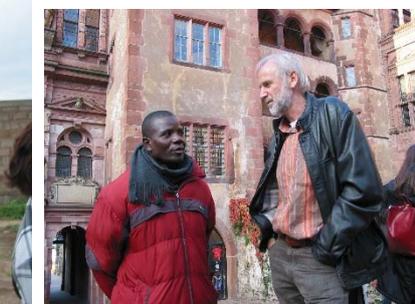
Carlos com Walter Exler e Ewald Lachnit da casa paroquial de Hungen



Carlos mostra a roupa que vestia no momento da queda do avião



Inge Exler com Carlos e a filha caçula dele





Agathe Venedey-Grenda:

Ficar atenta e realizar o possível



Agathe Venedey-Grenda

Antiga professora de alemão e educação física e presidenta da Associação Registada de Cooperação Escolar com Moçambique

Devido às restrições impostas pelo coronavírus, ao invés de terminar os preparativos da minha 14ª viagem com alunos e alunas a Moçambique, marcada para 21/06/2020, hoje (19/06/2020) encontro-me sentada descontraidamente no meu escritório, a pensar sobre o quê poderia ter me levado a realizar esta tarefa há tanto tempo.

Como tantas coisas na vida, um interesse ou um empenhamento principiam já na primeira infância ou na juventude. Foi o que sucedeu comigo. Na bem equipada estante de livros do meu tempo de criança havia um livro intitulado (na tradução do alemão) “*No continente da luz. Experiências de um etnólogo no oeste de África*” de Omar Rolf von Ehrenfels, que havia sido traduzido do inglês ao alemão pelo meu pai. Mesmo que eu nunca o tivesse lido, o livro fascinou-me. Na minha juventude ocupei-me muito com os temas escravatura e colonialismo, e então percebi que o destino mais cruel para uma pessoa consiste na ausência de liberdade, na servidão, no estar totalmente a mercê de

alguém, na falta do direito de determinar sobre si próprio. Assim eu já estava bem perto do continente africano e da sua gente.

Na minha primeira viagem a Moçambique em 2006, além da beleza do país, conheci e aprendi a amar muito especialmente a amabilidade das pessoas que lá vivem.

Como naquela ocasião eu viajava sem ter que assumir grandes responsabilidades pelos projectos que visitávamos, eu ainda sentia-me bastante relaxada, mas ao mesmo tempo muito curiosa pelo que me esperava. Quando se entra pela primeira vez num mundo “estranho”, as percepções são de natureza completamente diferentes do que seriam no ambiente habitual. A atenção concentra-se em pequenos detalhes como buracos profundos no caminho sem avisos de segurança ou plantas e animais desconhecidos na beira da estrada. Mas naturalmente também em coisas mais significativas como a convivência pacífica entre pessoas e animais domésticos de todas as espécies, como gatos, cães, galinhas ...etc. em espaços muito estreitos como pudemos observar em Mudzingadzi, um subúrbio ou bairro de Chimoio. A partir disto resulta uma visão muito crítica sobre as próprias condições de vida, que oferecem conforto, porém também significam isolamento, estresse ...etc.

No decorrer das muitas viagens com numerosos alunos e alunas, estas últimas – com poucas excepções – presentes no singular, fiquei ciente de que a minha maneira de ver as coisa tinha mudado, ao passo que os jovens companheiros de viagem mostravam o mesmo espanto que eu mesma senti inicialmente. Durante as visitas de quase todos os anos às nossas escolas parceiras em Ressano Garcia, na fronteira com a África do Sul, e na província de Manica a minha reação com as pessoas do local tornaram-se cada vez mais intensivas e amistosas. Deste modo tive a oportunidade de conhecer bem as condições em que as pessoas viviam, seus anseios, seus sonhos, mas também o seu quotidiano.

Mas nos primeiros anos eu não tinha nenhuma consciência do imenso trabalho requerido para estas obras de construção das escolas e para manter as parcerias. O responsável por isto até o ano de 2012 era Walter Exler, o presidente de longos anos e actual presidente de honra da Associação Registada de Cooperação Escolar com Moçambique.

Quando assumi o primeiro projecto de construção em cooperação com ele, a construção da Escola Primária Nhamacoa Rica, o meu respeito pelo seu desempenho aumentou mais uma vez de maneira considerável. Parecia-me quase impossível cumprir todas as exigências formais com que o requerente, neste caso nós, seria confrontado para a colaboração com Ministério de Cooperação Económica e Desenvolvimento da Alemanha. Mas a prática faz o mestre. A minha competência melhorava com cada pedido, o que não significava uma diminuição do esforço de trabalho.

Para que estes projectos fossem coroados de êxito, não são necessários só dedicação e perseverança, mas muito mais precisa-se de pessoas que apoiem, que sejam optimistas e que também estejam dispostos a assumir responsabilidade. Uma pessoa assim é Dorothea Fobbe, com quem certamente sempre podemos contar, que possui um talento de organização incrível e que assume grande parte dos preparativos para as jornadas de encontro com os alunos, de forma que me sobra mais tempo para ocupar-me com os projectos. A sorte sempre é uma boa ajuda, pois uma escola como a Escola Integrada de Hungen e a Associação de Cooperação com Moçambique não estão em condições de financiar sozinhas a construção de uma escola. A sorte consistiu no surgimento casual de uma participação nos projecto com *ALTERNAID- a Fundação para pessoas necessitadas*. Graças a esta cooperação leal e à sua ajuda financeira já-nos foi possível realizar quatro projectos de construção de escolas cada vez mais abrangentes.

Mesmo que eu acompanhe a assim chamada “ajuda ao desenvolvimento” com um olhar muito crítico – já que ela muitas vezes serve de pretexto para uma política económica e fiscal implacável dos países dadores com relação aos países beneficiários – também sou da opinião que deve estar garantida uma ajuda individual se esta for possível. Por isso, com o apoio dos imprescindíveis companheiros, quero prosseguir firmemente nessa campanha e realizar o que é possível.

A LUTA CONTINUA!



Acima à dir.: EPC Chibuto II, no meio: Escola Secundária Josina Machel
embaixo: EPC Nhamacoa Rica

Índice

| Autoras e Autores | Título | Página |
|--------------------------|--|---------------|
| Dorothea Fobbe | Fotos de Mosambique e Hungem | 1 |
| Volker Bouffier | Discurso de boas-vindas | 2 |
| Walter Schmied | Discurso de boas-vindas | 3 |
| Rainer Wengorsch | Discurso de boas-vindas | 4 |
| Alexandra Kuret | Parceria com Moçambique nos princípios básicos da escola | 5 |
| Dorothea Fobbe | Preâmbulo | 6 |
| Gisela Golf | Ahh – Moçambique! | 7-9 |
| Ute Rexin | Aprender através de Moçambique | 10 |
| Celestino Zondane | O caminho da escola em Moçambique | 10 |
| Jochen Pfeifer | 40 anos de cooperação para crianças | 11-12 |
| Karin Hermes | Todo começo é difícil | 13 |
| Brigitte Sommer | viagem a Moçambique | 14-18 |
| Margret Mühl | Um arco- iris se estende- | 19-20 |
| Uli Seibert | carta a Hans Münzhuber | 21-22 |
| Uli Seibert | relatório sobre a parceria escolar | 23-24 |
| Bettina Träger | Profundamente impressionada | 25-27 |
| Calisto Jossefa | Um abraço | 28-29 |
| Gabi Gruel | Bailar em África | 30 |
| Lore Zinn | Do estábulo de cabras à cerimónia de inauguração | 31-32 |
| Ingolf Hoefer | Recordações | 33-34 |
| Luise Weißler | Experiência Gigantesca | 35-36 |
| Christoph Backes | estória na perspectiva de um marginalizado | 37-38 |
| Nelessia Cossa | We are together | 39-40 |
| Jorge Filipe | Construir escolas, ajudar crianças | 41-42 |
| Isabel Chingassuipa | Mensagem de agradecimento | 43 |
| Agathe Venedey-Grenda | Perspectivas para o futuro de muitos moçambicanos e moçambicanas | 45-46 |
| Tendai Zeca Faife | Creating Strong Relationships | 47 |
| Isabel Sophie Keil | Educação Sólida para uma vida melhor | 48 |
| Daniel Komma | Happy together | 49 |
| Susanne Schaub | impressões profundas | 49 |
| Marcus Seipp | Porquê esse esforço todo? | 50 |
| Dorothea Fobbe | Viagens e participantes | 51 |
| Jutta Lenz | Saudação de Baunatal | 52 |
| Nicara Parr | Minha viagem a Moçambique | 53-55 |
| Sandra Feiertag | Na lembrança para sempre | 56 |
| Elisa Seibert | Amabilidade e alegria | 57 |
| Janina Merz | Alegria contagiante | 58 |
| Lili Kopf | Experiência única e impressões | 59-60 |
| Jonathan Tropp | Moçambique 2019 – incrível alegria de viver | 61-62 |
| Dorothea Fobbe | Fotos de Moçambique e Hungem | 63 |
| Walter Exler | Retrospectiva | 64-69 |
| Agathe Venedey-Grenda | Locais dos projectos escolares | 70 |
| Vicente Berenguer | Carta de Espanha | 71 |
| Vicente Berenguer | Vosso calor está presente em cada pedra | 72-73 |
| Agathe Venedey-Grenda | Fotos de Vicente em Espanha | 74 |
| Walter Exler | Carlos Jambo – Sobrevivente do acidente aéreo | 75-76 |
| Dorothea Fobbe | Fotos de Moçambique e Hungem | 77 |
| Dorothea Fobbe | Fotos de Moçambique e Hungem | 78 |
| Agathe Venedey-Grenda | Ficar atenta e realizar o possível | 79-80 |

Calorosos agradecimentos a todos os autores e autoras dessa Publicação,
herzliches Dankeschön, kanimambo and thank you!

Nesta oportunidade também um **muito obrigado** a todos que nos apoiam há anos, sejam eles alunas e alunos, professoras e professores, dirigentes escolares, pais, toda a comunidade escolar, bem como representantes políticos, pessoas de negócios e todos os apoiadores e apoiadoras.



Impressum

Endereço: Gesamtschule Hungen, Friedenstrasse 1, D-35410 Hungen

Tel: +496402 51963-0

Fax: +496402 51963-199

Homepage: www.schulpartnerschaft-mosambik.de

© Verein Schulpartnerschaft mit Mosambik e. V., Junho de 2020

Gostaríamos de convidá-los/convidar-vos a navegar em nossa homepage. Lá encontram-se (escritos em alemão) a crónica detalhada dos 40 anos de cooperação escolar, muitas fotos expressivas de Moçambique, relatórios de viagem, descrições dos diversos projectos de construção de escolas, relatórios de actividades actuais e relatórios anuais.

Redacção da Publicação Comemorativa:

Dorothea Fobbe, antiga professora de inglês e desporto na Escola Integrada de Hungen

e vice-presidenta da Associação Registada de Cooperação Escolar com Moçambique

Karin Schroeder-Pappe, antiga professora de alemão e inglês da Escola Integrada de Hungen

e secretária da Associação Registada de Cooperação Escolar com Moçambique

concepção do gráfico na capa: Nicara Parr no verso: Janina Merz und Edgar Reinhardt

Fotos: Dorothea Fobbe e participantes das viagens

Tradução: Urs Derendinger

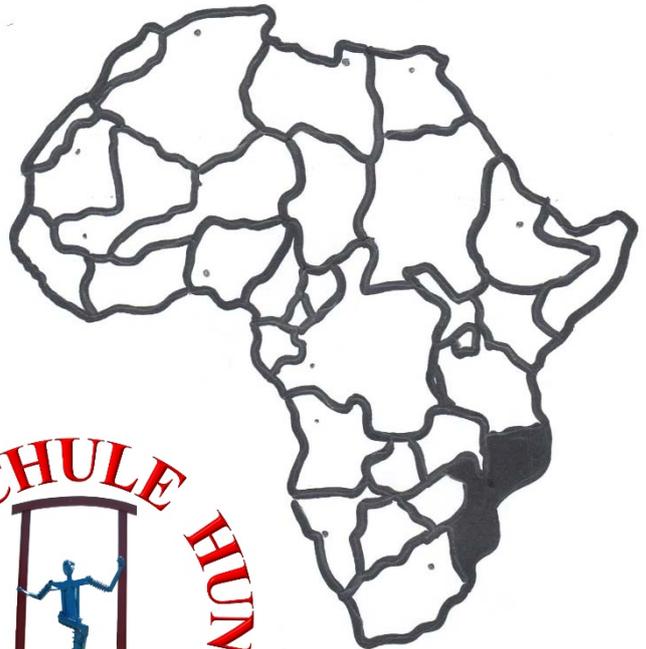
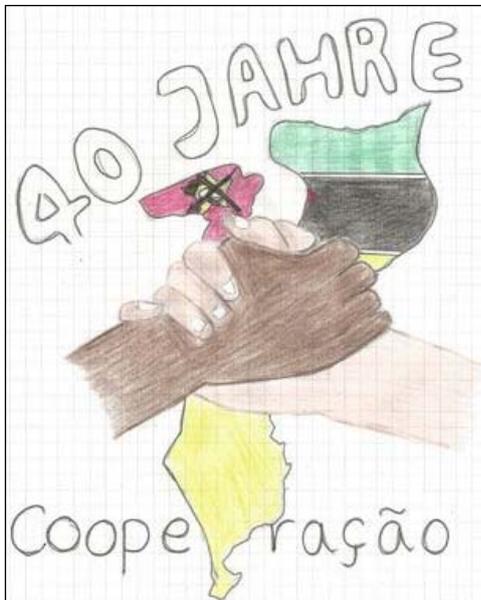
Revisão: Agathe Venedey-Grenda - presidenta da Associação Registada de Cooperação Escolar com Moçambique



Seit 1980



SCHULPARTNERSCHAFT



SCHULPARTNERSCHAFT

MOSAMBIK